

Orgão Oficial de Expressão  
da Associação Portuguesa de Satanismo

# Infernus

Nº XXX VI/XI Era APS





# Editorial

## Mosath

Pela última vez, escrevo um editorial da Infernus.

Ao pensar nos editoriais que pude escrever, sinto que a experiência foi construtiva. Não sei se o objectivo ou a lógica dos editoriais é isto, o serem construtivos, mas tenho para mim próprio a sensação de que dei mais um belo passo neste caminho de criatividade.

Integrar a equipa editorial desta newsletter é uma honra e um ócio, porque rodeiam-me indivíduos com os quais partilho visões e opiniões desafiadoras e certamente inspiradoras. É o facto de estar maravilhosamente rodeado que contribuiu para que toda e qualquer tarefa relacionada com a Infernus fizesse todo o sentido. Sem os elementos que todos conhecem da equipa editorial, escrever um editorial teria sido um grito irritante. Espero ter conseguido gritar por mim próprio e pelos elementos da equipa editorial, porém espero tê-lo feito não de um modo irritante, já que cada um deles foi igualmente uma das minhas cordas vocais.

Inicialmente, habituei-me a ler, arrepiando-me com satisfação, os editoriais assinados pelo Lurker. Ter entrado para a equipa editorial da Infernus foi uma conquista pessoal e procurei escrever a minha opinião dentro de qualquer assunto proposto. Penso que

fui conseguindo escrever o que quis; tentei, sem dúvida.

Enquanto editor em alguns dos números da Infernus, pude tratar de receber os contributos, pude comunicar e até sugerir algumas coisas a alguns dos colaboradores, assim como pensar a parte das imagens que comporiam cada edição. Ri, senti dores, aplaudi.

Enquanto editor em alguns dos números da Infernus, pude dar a minha visão à newsletter e jamais esquecerei tal experiência, uma vez que também me ajudará na minha vida profissional. Ambiciono voos semelhantes e assim seja!

O facto do Lurker me ter confiado a sua posição inicial de editor foi, para mim, uma enormíssima honra. Tive sempre a sua palavra motivadora e a sua crítica, bem como as dos restantes elementos editoriais. O que é que mais poderei ter desejado?

O crescimento que tive enquanto autor e indivíduo foi incrível, logo aquilo que me importa é integrar esta derradeira edição da Infernus pela via da alegria! Sem necessidade de exageros, importa celebrar o poder da palavra, assim como o conjunto de ideias que poderá contribuir para mudanças mundanas.

Esta é, portanto, a última edição da Infernus! Seja ouvido, isto, nos confins

do universo! Reservamos as páginas seguintes para a contribuição dos que nos acompanharam, ao longo deste belíssimo tempo.

Pretendo deixar um grande aplauso a todos os que colaboraram com a Infernus, seja em termos de texto ou de imagem; e especial aos restantes elementos da equipa editorial. Embora este número seja uma celebração, não teremos as palavras celebratórias de todos aqueles que foram colaborando ao longo das edições, porque a vida tem destas coisas e o tempo come alguns bocados nossos. Não há mal! Destaco, respeitosamente, a falta das palavras da Outubro, a qual nomeio como uma das mulheres mais incríveis que conheço e, certamente, continuará a deixar a sua cultíssima marca neste mundo.

Desejo-vos boas leituras! Não percam o hábito de leitura; não percam a atracção pelas letras! Vemo-nos por aí! E que estes momentos Infernus continuem a servir para agitar as águas deste oceano tépido e venenoso em que mergulhamos!

Faustosamente. •

### Ficha Técnica

Infernus nº XXX

**Editores:** Lurker, Mosath

**Produção:** Fósforo, Colectivo Criativo

**Equipa Editorial:** Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Metzli, Outubro

**Colaboradores:** Aires Ferreira, Adamastor, Charles Sangnoir, Devis Granziera, Fátima Vale, Gilberto de Lascariz, gmr, J. Gonçalves, Jorge Taxa, José Macedo Silva, Júlio Mendes Rodrigo, Luis Couto, Luisa Demétrio Raposo, Lupum, Melusine de Mattos, Naive, Nick Bougas, Paulo César, Vitor V., Ziul Qayin Syer

**Revisão:** Metzli

Agradecimento especial a todos os que, de uma forma ou de outra, colaboraram nas 30 edições da Infernus. O tempo passa mas a memória perdura.

Créditos das Imagens:

Pág. 4: Karolina K. – [thumbelina.girl.deviantart.com](http://thumbelina.girl.deviantart.com)

Pág. 5: Mosath

Págs. 6, 13, 14, 15, 22, 24, 25, 58: José da Silva Oliveira

Págs. 7, 23, 36: Laetitia Mantis – [laetitiamentis.wordpress.com](http://laetitiamentis.wordpress.com)

Pág. 8: Juova – [juova.deviantart.com](http://juova.deviantart.com)

Pág. 9: Danielle Laurin – [danielaurin.deviantart.com](http://danielaurin.deviantart.com)

Págs. 10, 17, 19, 43: Eva Plaisir – [SinVision](http://SinVision)

Pág. 16: Melusine de Mattos

Pág. 18: gmr

Págs. 20, 21: King Chaos

Pág. 26: AssassInn – [fabiopoupinha.pt.vu](http://fabiopoupinha.pt.vu)

Págs. 28, 44, 45, 46, 52: Paulo César – [www.paulocesar.eu](http://www.paulocesar.eu)

Pág. 29: Nick Bougas

Pág. 30: Alda Silva – [www.aldasilva.net](http://www.aldasilva.net)

Págs. 31, P32, P33: Luís Macedo Tavares

Pág. 37: Ariel – [flutterbykeir.deviantart.com](http://flutterbykeir.deviantart.com)

Pág. 38: Martin van Maele

Pág. 42: Sasha Sleider

Pág. 50: András Jókúti – [saturninus.deviantart.com](http://saturninus.deviantart.com)

Pág. 51: José de Almada Negreiros

Pág. 53: Mathieu – [matthesamurai.deviantart.com](http://matthesamurai.deviantart.com)

Pág. 56: Rafael de Guzman – [raffy-kun.deviantart.com](http://raffy-kun.deviantart.com)



# Editorial

## Lurker

Estas são as últimas palavras que irei escrever para a *Infernus*. Deixo que este pensamento seja absorvido e o seu real significado percebido, apreendido, pelo meu ser. Estamos numa tarde cinzenta de Outono, o que se apropria ao estado de espírito. É aqui que a estrada acaba. Esta é a última edição da *Infernus*.

Ao longo das páginas que a compõem vão ter oportunidade de ler muitos pensamentos, reflexões e opiniões sobre este facto, incluindo as minhas palavras, por isso não me vou repetir. Dizer apenas que quando a decisão de terminar a *Infernus* foi tomada, no seio da equipa editorial, decidiu-se também sair em grande. Com um número que fosse uma celebração, um encerrar de capítulo, um legado para o futuro.

Assim sendo, todos os colaboradores das anteriores edições da *Infernus* foram convidados a participar nesta última revista. Infelizmente nem todos puderam aceitar o convite, pelas mais variadas razões, mas não podia deixar de lhes deixar uma palavra neste editorial. A *Infernus* foi sempre um projecto colectivo. E foi com esses contributos, ao longo dos anos, que chegamos onde estamos hoje. Por isso deixo um último brinde a todos aqueles que dedicaram uma parte da sua vida, por pequena que seja, a partilhar connosco este caminho.

Não posso também deixar de agradecer, em particular, a toda a equipa editorial da *Infernus*. Não sei se têm noção do esforço imenso que foi colocar cada uma das edições da revista nas vossas mãos, mas essa equipa sabe-o bem. A sua dedicação e compromisso foi sempre uma fonte de inspiração pessoal, e naturalmente uma grande quota parte do sucesso da *Infernus* é

devida a eles.

Para finalizar, acho que não seria justo não destacar o papel preponderante que o Mosath teve na vida da *Infernus*. Sem o seu envolvimento profundo a revista não teria chegado a trinta edições, e sem todo o seu trabalho não estava eu a escrever estas linhas, e vocês a lê-las. Um *like-minded individual* na verdadeira acepção do termo. Alguém que tenho o prazer de chamar amigo. *Primus Inter Pares*. Fica o tributo merecido.

Agora é altura de focalizar as energias noutros projectos, noutras iniciativas. Quando um caminho se encerra, como este da *Infernus*, outros se iniciam. Será, portanto, uma questão de tempo até que nos encontremos novamente. Entretanto, fica o legado da *Infernus* para todos aqueles que se interessem por Satanismo e por tudo aquilo que criamos ao longo destes anos.

Resta-me desejar-vos um bom desfrute desta última edição da *Infernus*. Saberá resistir ao teste do tempo como as suas irmãs, permanecendo como um bastião do Satanismo escrito em Português. E estará à vossa espera, para a ela regressarem sempre que necessário. Uma das magníficas características do conhecimento é que não tem prazo de validade.

Dou por mim a não querer acabar o editorial. Sei o que isso representa. Mas acabo por perceber que é altura. Um brinde à *Infernus*. Que a sua memória perdure!

Deixo que uma amiga de longa data inicie o repouso eterno. Uma parte de mim fica com ela, enquanto me afasto na bruma... •

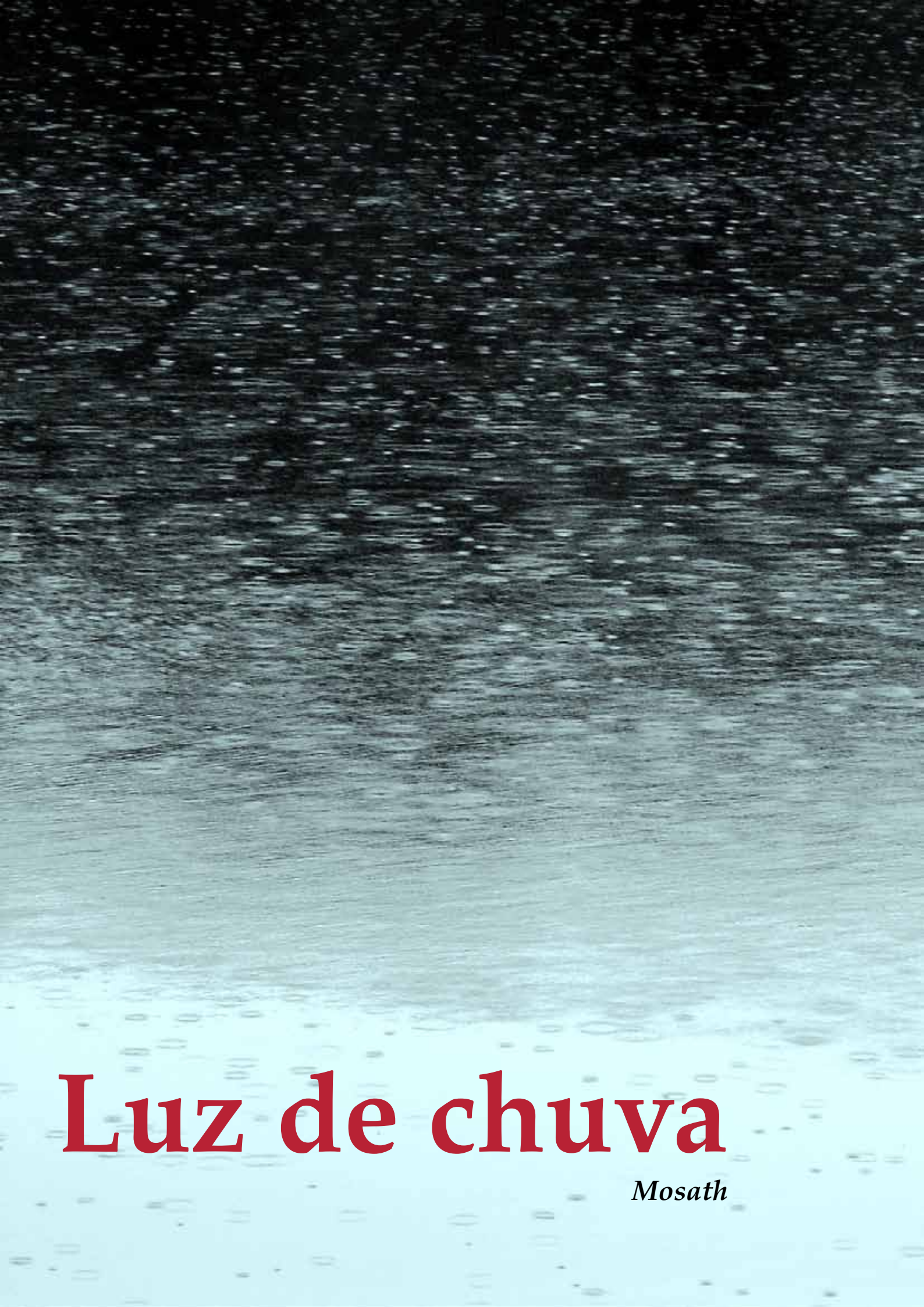


## ÍNDICE

<b>Luz de Chuva</b> -----	4
Mosath	
<b>Infernal</b> -----	7
Aires Ferreira	
<b>Mudança</b> -----	8
Black Lotus	
<b>Canto ao Ícone de Carne</b> -----	10
Gilberto de Lascariz	
<b>Heilel Ben-Shachar</b> -----	14
Fátima Vale	
<b>La Vey-me</b> -----	15
Fátima Vale	
<b>Devilish Visions</b> -----	16
Melusine de Matos	
<b>A Palavra Subversivo</b> -----	17
:gmr:	
<b>O Último Registo</b> -----	20
King Chaos	
<b>Ouroboro Mântrico</b> -----	22
Fátima Vale	
<b>Sob a Influência de Saturno...</b> -----	23
Luís Couto	
<b>Por Fim, o Fim</b> -----	24
Adamastor	
<b>Abortura e Nadamento</b> -----	26
BM Resende	
<b>Infernus: 5 anos</b> -----	28
J. Gonçalves	
<b>Infernus</b> -----	29
Nick Bougas	
<b>Isto é o Fim, Belo Amigo</b> -----	30
Devis Granziera	
<b>O Cisne e o Pavão</b> -----	32
Charles Sangnoir	
<b>Salmão Fumado</b> -----	33
Jorge Taxa	
<b>Venúfifer</b> -----	37
Ziul Qayin Syer	
<b>Apostasia</b> -----	38
Júlio Mendes Rodrigo	
<b>Final</b> -----	43
Luísa Demétrio Raposo	
<b>O que Foste e o que Sempre Serás</b> -----	44
Lupum	
<b>E Depois do Adeus</b> -----	46
Mezli	
<b>O Lugar do Verbo</b> -----	48
José Macedo Silva	
<b>Ode Infernal</b> -----	50
Naive	
<b>Do "Eu" ao "Nós"</b> -----	53
Vitor V.	
<b>O Fechar da Cortina</b> -----	56
Lurker	







# Luz de chuva

*Mosath*





*Nesta tarde de chuva intensa, elaboro este meu artigo. O último artigo, com certeza.*

Não por tencionar deixar de escrever seja onde e o que for (houve alturas em colhi mais prazer a escrever do que ultimamente, mas isso é outra história), mas porque a *Infernus* chega à última paragem, à última cadeira académica, sinceramente, à sua última dança.

Procurarei manter o meu discurso assim tranquilo, de modo a passar por vários tópicos que me importa abordar. Se não o conseguir, deixem-me estar assim que é melhor. Tudo merece a (sua) pena, quando a vontade não é pequena. Ou algo do género. O que, de facto, urge é uma reflexão sobre as minhas participações na *Infernus* (isto é para segundo plano), assim como celebrar o que a *Infernus* é e foi (isto é para primeiríssimo plano). No Outono que nos visita, desejo bombear memórias energéticas para as últimas folhas desta *newsletter* portuguesa, cuja voz se estendeu para lá dos horizontes que muitos de nós, inclusive, anteciparam. E desejo ajudar a chegar lume aos rastilhos do gigantesco fogo-de-artifício em nome da *Infernus*.

O projecto *Infernus* integra a Associação Portuguesa de Satanismo (A.P.S.), logo foi com grande entusiasmo que soube do seu nascimento, há uns anos atrás. Foi naturalíssimo ter ouvido falar deste projecto *online*, uma vez que frequento o fórum da A.P.S. ainda antes da *Infernus* circular. Como utilizador do fórum – igualmente, me fez crescer e reflectir –, como membro da A. P. S. e como inconformista, a *Infernus* parecia ser o piso de que os meus pés precisavam.

A *Infernus* foi crescendo, mudando de cores e aspecto, mas procurou de forma contínua, na minha opinião, agarrar tópicos de interesse para os olhar por ângulos diferentes, não-óbvios. Na medida do possível, o núcleo de cada edição era o Satanismo e, repito-o na medida do possível, quem contribuía acabava por tocar nesse núcleo com as suas próprias palavras, visto que o Satanismo é um algo concreto, uma realidade nomeada, porém, encontra-se em toda a parte. Ia, com os meus botões, “heresirar” e escrevia que é omnipresente e está no meio de nós. Aliás, no interior de muitos nós. E deste princípio resultou um grupo grande de leitores

da *newsletter* que nada diriam que tinham ou que queriam ter a ver com Satanismo, isto é, a capacidade de concentrar variados e pertinentes artigos sobre um comum tópico e um tópico comum, cujos prismas eram sempre frescos e singulares, fez com que um leitor habituado a outras leituras e a outros pensamentos (não esquecendo: outras filosofias de vida) se colasse às páginas da *Infernus*.

É discutível qual o melhor aspecto para a *Infernus*, assim como o rol de temas, certamente. Contudo, o que me apetece salientar, reflectindo, é a carga inovadora, os conteúdos e a intensidade confessional, opinativa e literária. Numa sociedade que dorme com tecnologia, ainda há muita falta de Conhecimento e de espírito crítico. O materialismo está novamente forte – se é que não tem estado assim de há umas valentes décadas para cá – e foi muito construtivo ler e participar na *Infernus*, de modo a utilizar algum do meu tempo no lado que considero mais profícuo. Não quero dar nome ou apelido, ao tal lado, mas claramente sei que não é aquele do materialismo. Por conseguinte, a *Infernus* funcionou e funciona como um instrumento contra-cultura (entendendo o materialismo do lado da cultura sem o contra), além de registar ideias brilhantes de pessoas que conheço pessoalmente ou não conheço.

O que está em causa, aqui, é a *Infernus* enquanto veículo de ideias e pensamentos – na sua lógica de órgão oficial de expressão da A.P.S., primeiramente –, os quais não conheceria-

mos se a *Infernus* não existisse. Bem... existiriam, talvez, mas de outro modo. Algumas das ideias e alguns dos pensamentos serão evocados, no futuro, com certeza, mas o que nos importa, o que me importa, é assinalar este presente: a última edição *Infernus*. Com o futuro, não tenho muito a falar. A *Infernus* será um registo satânico, literário e inconformista de um tempo e de uma sociedade em concreto. A *Infernus* de vontades pujantes de mãos dadas com inteligência que tão bem cumpriu o seu papel. Não quero saber se, no futuro, algumas pessoas lerão os artigos, porque regozijo é a reflectir sobre as edições realizadas com tamanhas ideias inspiradoras e com opinião de Vida, agora.

Com a *Infernus*, ganhei uma visão mais ampla sobre o mundo, através, claramente, da leitura de muitos dos artigos. Esses artigos são assinados por pessoas deveras interessantes com as quais me cruzei. Ao longo das várias edições em que participei de alguma forma, pude escrever textos de opinião, algumas crónicas, alguns poemas e, inclusive, conduzi entrevistas. O saldo não pode ser mais positivo, isto é, o acto de ter realizado tais artigos e textos fica dentro de mim para sempre (a menos que perca a memória). Fazem parte de mim, pois auxiliaram-me num longo caminho criativo e também meditativo.

Foram horas seguidas, em cada artigo escrito, na companhia do pensamento, do sentir e de uma caneca de café ou de chá. Ou, por vezes, de uma bebida mais espirituosa. A inspiração.





A grande. Muitas vezes, sacrifiquei-me. Não saí com amigos, não fui para os copos ou não pude ir ter com as traças da paixão. Porquê? Tinha algum texto para a *Infernus* a meio e precisava de o terminar. Pois é... muitas vezes, a fim de conseguirmos alguma coisa, é necessário prescindir de outras. O mais simples será sempre caminhar para onde outros caminham, porém, não é isso que nos garante um desenvolvimento individual, se apenas tivermos que mexer os pés como os demais. Ou, neste caso, não nos garante um novo artigo para a *Infernus*. Não! Ainda não inventaram bebidas com textos inteiros no fundo do copo.



***“a Infernus nunca seria intensa, se os seus colaboradores não o fossem. Em Vida, em desejo de viver.”***



Entendem o que escrevo? É muito bonito dizer que se quer participar numa *newsletter*, mas quando chega à hora de entregar o produto e o mesmo não foi desenvolvido... exhibe-se uma falha. E falhar é natural, tudo bem, repete-se, mas é este espírito de sacrifício, de disciplina de trabalho e de compromisso concluído que diferencia os que conseguem dos que querem. Os que são dos que têm. Felizmente, o conseguir foi ganhando o braço-de-ferro, no geral, com o querer. No meu caso. E não foi fácil! E ainda bem, porque posso celebrar este caminho longo e esta obra com todos vós, de copo no ar, de olhar em chama, em vossa companhia!

Embora a *Infernus* possua números repletos de bons artigos, nunca se impôs a nada nem a ninguém. Como traço do seu carácter, procurou abordar tópicos de forma diferente, não convencional. Focando e representando questões satânicas e não só, a *Infernus* lançou ao mundo projectos artísticos que desejo ver aumentados, em breve. As potencialidades. Acolheu escritas fortes, poéticas, sábias, despedidas, alucinadas e persuasivas. Por estes motivos e mais algum, a colecção *Infernus* é uma luz forte e consciente que pode cair sobre qualquer cabeça curiosa. Uma chuva desbloqueadora. O seu

atrevimento foi sempre falar acerca de tudo como nunca se falou. Informação a nu, despedida, natural e satânica. Cito.

Uma luz de chuva é a imagem que me importa transmitir: a *Infernus* nunca seria intensa, se os seus colaboradores não o fossem. Em Vida, em desejo de viver.

Escritas as minhas últimas linhas, está na altura de saudar todos os que leram a *Infernus*, no seu conjunto ou nas suas partes. Saúdo-vos! E saúdo igualmente os que não leram. Saúdo-vos! Não se trata de uma despedida com choro; isto é a celebração do projecto *Infernus*. Tudo aquilo que vive e vive plenamente, chega a uma etapa final. Esta etapa não é uma morte malcheirosa; esta etapa é a concretização plena da *Infernus*. Fecha-se em si mesma para fechar-se um grande ciclo. Como qualquer grande vida. Viveu bem, a *Infernus*, logo celebremos bem!

Tragam os vossos copos, as vossas indulgências, as vossas palavras e os vossos actos! É *Halloween*! As almas estão libertas como sempre e há no ar especiarias de vitória. Larguem as artificialidades e venham viver neste lado da exaltação! Assim seja! O meu obrigadíssimo! •



# Infernal

Aires Ferreira

*O livre-pensar apraz-me – em primeiro lugar – porque desde de cedo me permitiu perceber que até os que dizem pensar livremente estão acorrentados.*

Algumas das páginas aqui publicadas ao longo dos anos são prova disso mesmo. Mentes dedicadas a símbolos e ao sempre limitado significado que estes encerram. Quantos de nós não acharam este ou aquele artigo pretensioso, moroso, até chato? Ejaculações de verborreia que o mundo, alegremente, dispensou.

Quantos de nós não leram aqui ovelhas desesperadas por parecer ferozes lobos?

Nunca será suficiente pensar que pensamos bem. Nunca será eloquente escrever para ninguém. Raramente, há alguém, capaz de pensar por si só. Distraem-se com pentagramas, thelemas, ordens dos mais variados animais, correntes, citações do Nietzsche, os divinos punhais, comprados na Internet.

Aqui, só se mete quem ainda é novo. Uns porque odeiam os pais, outros a igreja, no meu caso, o povo. É necessária uma dedicação juvenil para acreditar que uma publicação nos equinócios fará diferença. Estamos nos tempos do dança-dança, não do pensar-pensa.

O tio António percebia claramente tal coisa; daí as câmaras e as catraias cheias d'horrível pêlo. Daí o sangue e as velas. Tudo isso, que agora não passam de clichés, serviu para beber uns copos, foder à Hollywood e até para fazer bebês. Já pensar, pensou-se pouco. Fazer, ainda menos. "Um barco sem remos e nem sequer sabes nadar".

E agora que os que se ficam pelos primeiros parágrafos já foram para a página seguinte, vamos nós conversar:

A Infernus e quem a criou são parte reduzida mas de vital importância das

criaturas que pensam em português. São oposição, verdadeira exaltação para que não andemos todos a comer do mesmo.

Afinal, vede-me aqui. Sou persona non grata (tinha de meter latim, não é?) e alguém arriscou. Afinal, nem sou assim tão satanista; quanto mais velho fico, diria mesmo, mais antihumanista Aires ficou. Mas na falta de melhor, há que abraçar a diferença para que num mar de marasmo se faça da indiferença uma tempestade.

Talvez os filhos, talvez os que se vistam de preto, talvez uma ou duas criaturas, daqui a muito tempo, achem-nos uns fixos. Talvez, quiçá, talvez daqui a uns anos recomecem o que aqui se começou. E talvez, talvez quiçá, a evolução tenha lugar.

como a Natureza manda. •





# Mudança

*Black Lotus*





*Se tudo à nossa volta muda, não devemos nós também mudar? Somos seres sociais, influenciados pelo ambiente que nos rodeia e construímos as nossas vivências tendo em conta o mundo.*

Apesar da base e da essência de quem somos estar cá, pois como qualquer casa é necessário alicerces para o crescimento, a mudança e alteração de comportamentos é uma constante (por contra-senso que possa parecer a constância da mudança!).

Num momento actual de grandes mudanças sociais (e em tempos futuros quem ler estas linhas pode pesquisar as mudanças sociais dos anos 2011-..., na Europa), todos somos influenciados e alteramos comportamentos até aqui diferentes.

Numa filosofia que coloca o EU em destaque, somos assolados por todas as alterações sociais, económicas, ambientais que vão alterar o próprio EU.

Ao longo da vida muitas são as experiências por que passamos e nos ajudam a construir os tijolos da nossa casa. As conversas, as músicas, as séries, os filmes, a comida, os amigos e família influenciam a nossa maneira de ser e fazem-nos seguir certos caminhos.

É curioso como os trilhos da vida se vão emaranhando como se ao início estivessemos no tronco da árvore, linear, reto, objectivo, direccionado e depois vemo-nos confrontados com os primeiros ramos, as primeiras escolhas, as mudanças. E eis senão quando o emaranhado da copa das árvores é tal que os caminhos entrecruzam-se... mas chegaremos ao topo e vamos ter acesso novamente ao sol!

Ao longo da vida crescemos, seja fisicamente, seja psicologicamente, sofremos mudanças profundas no corpo e na mente e fazemos e dizemos coisas que pensamos não iríamos fazer.

São tantos os caminhos dispostos à nossa frente e tantas as mudanças que cada um deles implica que às vezes ficamos parados na encruzilhada das setas sem saber o sentido a tomar... Aa defesa da mente perante a mudança, a reticência do corpo face à saída da rotina.

Cada qual é um elemento em si, o seu mundo, mas como qualquer sistema aberto há trocas com o exterior... um

sistema isolado só funciona em laboratório com tudo controlado ao pormenor por outros que não os próprios.

Se não estamos satisfeitos com o que temos é um sinal que é tempo de mudança. Pode custar, ou até ser fácil, mas mudar implica sempre sair da zona de conforto a que nos habituamos e nisso há sempre algum atrito.

Para mim a grande mudança foi a maternidade. Deixei de ser só eu, ou nós os dois e passamos a ser nós como família, com responsabilidades diferentes... mudança na forma de pensar, na forma de agir foi uma consequência imediata. A concentração é diferente, o discurso é diferente, as acções são diferentes, a relação com tudo o resto é diferente. Não posso dizer que seja melhor ou pior, é apenas diferente, houve uma mudança. Foi um ramo escolhido e que tem agora imensos outros ramos a entrecruzar-se à minha frente com escolhas diversas a fazer até ao topo.

EU continuo a ser eu, mas é um EU mais colectivo, porque a minha vivência não é tão individual e todas as minhas acções têm uma consequência directa em alguém que saiu de dentro de mim, a quem eu dei vida... Eu dei vida... É um poder, uma ação!!!!

A mudança está em todo o lado, a estagnação seja na vida ou num lago leva invariavelmente à morte. Não implica uma melhoria por si só, uma vez que na natureza as mutações que levam à mudança tanto podem ser vantajosas e são beneficiadas pela selecção natural, como se podem revelar uma maneira diferenciadora de eliminação. A mudança aptas e não aptas.

As nossas escolhas são baseadas nas nossas vivências e depois há mudanças que fogem ao nosso controlo, mas temos de pegar nelas reorganizá-las, virá-las e pô-las a trabalhar a nosso favor.

Ser Satanista é ser forte, encaramo-nos como seres com uma visão diferente dos demais a tentar sempre encontrar a satisfação pessoal.

Esse paradigma de satisfação muda

Música

### Muda de Vida

António Variações

Muda de vida se tu não vives satisfeito

Muda de vida, estás sempre a tempo de mudar

Muda de vida, não deves viver contrafeito

Muda de vida, se a vida em ti a la-tejar

Ver-te sorrir eu nunca te vi  
E a cantar, eu nunca te ouvi  
Será te ti ou pensas que tens... que ser assim

Ver-te sorrir eu nunca te vi  
E a cantar, eu nunca te ouvi  
Será te ti ou pensas que tens... que ser assim

Olha que a vida não, não é nem deve ser

Como um castigo que tu terás que viver

Muda de vida se tu não vives satisfeito

Muda de vida, estás sempre a tempo de mudar

Muda de vida, não deves viver contrafeito

Muda de vida, se a vida em ti a la-tejar

com o tempo e com as experiências da vida, daí nunca haver conformismo e sempre existir a tal constante mudança.

E como diz a canção "Muda de vida se não estás satisfeito".

Boa vida com boas escolhas de mudança!!! •





# O Canto ao Ícone de Carne

Um rito da Irmandade da Serpente da Alba

*Gilberto de Lascariz*





*Não existe na Magia Luciferina propriamente Tradições, tal como empregamos nos modelos iniciáticos convencionais e corporativos das obediências maçônicas ou rosacruceanas.*

A Magia Luciferina é uma Corrente Tradicional, Transpessoal e Cósmica, que chama e acorda pelos seus, os nascidos de sua Linhagem Espiritual. Chama-os desde cedo, quando a infância perdura na adolescência através do sonho e das primeiras orgias oníricas, nas encruzilhadas do Sonho e do Sexo. Sonho e Sexo, os dois SS, são as faces duplas da Antiga Serpente. Eles/as são aqueles/as que trazem a marca e o número. Essa marca é depois desenvolvida pelo esforço antinomiano que materializa a vocação de cada luciferiano e luciferiana na posição dinâmica e autônoma de Magister e Mulher Escarlate. É essa a Tradição que vem desde os Papiros Greco-Egípcios e os grimórios goéticos medievais disseminados pelos clérigos antinômicos. A Iniciação é uma Indução Gnóstica, envolvendo a Carne e o Espírito simultaneamente, mas ela só se torna plenamente manifesta com a eficácia do confronto e união com os Demônios, Portadores do Fogo da Antiga Sabedoria.

Essa Corrente Mágica tem sido representada desde tempos imemoriais pela Serpente Cósmica e por Uma das suas Sete Cabeças: aquela que rege o tempo cósmico e o momento histórico do Adepto. Essa Cabeça é um dos seus sete ciclos ao longo das Sete Eras Draconianas. O nome dessa Cabeça Tifoniana é Nome de Poder preservado dentro das irmandades luciferianas, em particular da Irmandade da Serpente da Alba. O acesso a essa Corrente implica, contudo, para a receber e manifestar, a transformação radical da personalidade do Adepto e o alinhamento com o Daimon Regente da Cabeça Draconiana, canalizado pelo Egrégore presente em cada uma das suas expressões tradicionais. Cada Daimon pessoal é uma hipótese do Daimon Regente da Cabeça Draconiana.

Lúcifer tem sido apresentado, entre muitas outras interpretações, como o Príncipe das Trevas e, por outros, como

o Primado da Inteligência Transcendente e Iluminada sobre as formas supersticiosas das religiões sendo, assim, o Paradigma da Gnose. A emergência de Lúcifer das trevas ctonianas do nosso inconsciente primordial manifesta-se primeiro em 1904, através da revelação do Livro da Lei a Aleister Crowley e em 1928 através de H. P. Lovecraft no seu conto "O Chamado de Chtullu". Lúcifer funde em si mesmo tanto as Trevas como a Luz em Pura Energia Não-Dual, Caos Sempiterno, representado pela Esmeralda que brilha de novo entre os seus olhos.

Lúcifer ou Lucifera é no final do Caminho Mágico a apoteose do próprio ser humano realizado, tornando-se um verdadeiro Portador da Luz. Nietzsche grita no seu Gaia Ciência (§125) quando declara com blasfêmia: "Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefacção divina? Os deuses também apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós matamo-lo!". Mas afirmar peremptoriamente que Deus está morto recorda-nos a declaração do arauto real diante do cadáver do Rei solenemente deitado na alcova real: "o Rei morreu, viva o Rei". Mas quem é este novo Rei, quem é este novo Deus? É, sem dúvida, o Homem. Deveria dizer-se então: "Deus morreu, viva o Homem". Não será o homem putrefacto da sociedade moderna o reflexo do Deus Putrefacto nietzshiano? Este Homem não é o hommo-faber de nossas fábricas e indústrias. Nem tão pouco os sacerdotes das religiões que ainda hoje louvam esse deus cadavérico, seja sob a forma de um deus crucificado ou do poder político transcendente das sociedades modernas. É um Outro Homem. Aquele que toma a liberdade e autonomia de sua consciência como o estatuto ontológico mais elevado do ser humano. Este tipo de homem é o opositor da humanidade convencional em que vivemos. É o opositor dos Homens e de Deus. Por isso, o chamam de Satã: Opositor. Mas a sua oposição desencadeia a iluminação acósmica e, por isso, é chamado, também, de Lúcifer, o Portador da Luz.

O Caminho de Satã é o do Opositor de todas as formas de alienação, mesmo daquelas que em seu nome advogam uma nova religião e lhe constroem igrejas em seu louvor. Satã é inimigo de todas as igrejas. Seja em seu nome ou de seus diversos homônimos. O seu Caminho é o da liberdade solitária e individual, do Indivíduo, isto é, do Indiviso. É o Caminho do solitário eremita, unido por laços efêmeros de culto e orga-

***"Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefacção divina? Os deuses também apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto!"***

nização com outros eremitas solitários. Mas a essência de sua comunidade espiritual vem de uma outra irmandade: a do pacto com Angelos e Daimonios. Daí a unidade básica de sua irmandade ser chamada também de covina, de coven, isto é, Pacto.

A imagem de Satã só pode ser o da criança, a única livre, ainda, de todos os condicionamentos que sobre ela se sobrepõem e que o tornarão mais uma variável sempre previsível no esquema da vida gregária humana. Por isso, Crowley dirá que o novo Éon será o da Criança. Não qualquer criança, mas a criança guerreira e conquistadora, exemplificada na figura de Ra-Hoor-Khuit do Liber Legis, um ser ambivalente e duplo onde se combinam as energias de Horus e Set, de Lúcifer e Satã.

Na época em que vivemos podemos declarar então: "Deus Morreu, Viva o Homem". Fazemo-lo segundo o modelo do grito ressuscitador horusiano dos reis europeus diante do velho rei defunto. Cada Iniciado tornado Portador da Luz deverá servir, por sua vez, de elo de transmissão dos ensinamentos esotéricos a outros membros para tal dotados. A ISA (Irmandade da Serpente da Alba) teve essa função desde os anos noventa até hoje, ao longo de duas recensões temporais, humanas e escriturais. A Irmandade sempre recusou seguir qualquer tradição histórica e corporativa satânica ou setiana de referência conhecida no mundo moderno. Ela tem as suas origens na Ordem Negra do Cão, uma ordem satânica fundada nos anos 70 em Portugal, por Ludvo, e desdobrada com seu patrocínio através da



recensão da ISA. Porém, não se trata de uma cópia ressuscitada e serôdia desta organização, hoje materialmente morta e já no seu tempo de vida muito inepta, mas apenas uma fonte egregórica que evoluiu para uma perspectiva luciferina e ofita que visa Despertar o Corpo de Luz, o Corpo Arcano de Lúcifer-Sofia.

Lúcifer é o Adepto Deificado e Auto-Realizado e a epifania do Primeiro Gerado do Fogo Divino. Esta concepção explica porque razão Lúcifer jamais teve uma representação visível e genuína na arte sacra! Simplesmente, porque na essência ele é o Mistério da Gnose, a Chama Divina do Ser Humano Realizado. Porém, ele é apenas o Portador dessa Luz, depois de aceso o Fogo do Espírito, entre os mundos da Noite e do Dia, pela Alvorada, como uma Tocha trazendo o Fogo iluminador do Caos.

A prática do Luciferismo Mágico dentro da ISA baseia-se na prática do antinomianismo! O antinomianismo não é uma ascese de mera indulgência e mera rejeição intelectual de todo o imperativo moral e social assimilado a partir da cultura e da religião e transformado desde a infância em condicionamento e acto-reflexo no nosso corpo e consciência. Somos um complexo maquinismo de reflexos e condicionamentos mentais, emocionais e físicos, que servem de barreira impermeável à consciência divino-daimónica dentro do homem. Eles não são produto do nosso livre arbítrio! Não é possível qualquer processo de Iluminação Gnósica – é disso que se trata sob o desiderato de Lúcifer – sem nos libertarmos deste emaranhado psicossomático, que nos cobre e mumifica, e o transformarmos em Carne Viva da Gnose. Daí a tendência dos grupos iniciáticos antinomianistas valorizarem os instintos vitais e as pulsões viscerais como elemento transfigurador da sua prática mágica. No sistema da ISA valorizamos processos tanto nomianos como antinomianos, praticamos a Lei e a Transgressão, atravessando as polaridades cósmicas ao estilo da Serpente pessoana no seu esquisso literário “O Caminho da Serpente”. O Mestre, no sentido daquele ou daquela que tem maestria na Arte, «habilidade nas obras» diria o Bhagavad-Gitá pela boca do luciferiano Arjuna, é aquele que caminha entre as Polaridades do Mundo, entre as Trevas e a Luz através dos Limbos. O luciferiano não é aquele que se torna refém de uma delas, seja de mão-direita ou de mão-esquerda. O Caminho é, por isso, um Caminho do Meio, um encontro com o Centro de Si-Mesmo, como Odin dado a Si-Mesmo

*“Que o Grande Sátiro  
se ajoelhe então di-  
ante dela e acenda  
duas velas, uma ver-  
melha e outra negra,  
de cada lado da Con-  
cubina.”*

sangrando na Árvore do Mundo, centro cósmico do Ser.

O ritual que o leitor tem agora a oportunidade de conhecer aqui na revista Inferno era um dos rituais praticados na Irmandade da Serpente da Alba entre o Grande Sátiro e a Grande Concubina representando a encarnação hipostática da Besta e da Mulher Escarlata. Este rito faz parte do “Saltério do Diabo: Os Ritos da Irmandade da Serpente da Alba” que será publicado este ano numa edição numerada e limitada oferecida ao palato de bizarras línguas do esoterismo antinomiano.

### O Canto ao Ícone de Carne

É pela via intermédia das oposições que a Serpente faz o seu rastejo sempre em S, abraçando todas as coisas opostas, falsas e verdadeiras, até se reconhecer a si mesma, a si apenas, a Divina Epifania. Assim, também, o luciferiano atravessa pelas polaridades adversas e complementares do mundo até se reconhecer Serpente.

Escolha, para isso, uma igreja que tenha por detrás da parede do coro, a oriente, um recanto protegido dos olhares indiscretos. Que esse lugar seja escolhido por oráculo e astúcia.

Que a Concubina traga por cima de sua nudez a noite escura de capa vermelha que a cobre inteira. Que seja Lua Nova, quando à noite não há nenhuma luz no céu, para que assim a única Luz Visível possa ser a da sua nudez. Então, que ela se encoste de pé à parede do coro da igreja, de forma tal que as suas costas sejam a contraparte exterior do Corpo de Cristo crucificado que dentro da igreja se eleva sobre o altar.

Que o Grande Sátiro se ajoelhe então diante dela e acenda duas velas,

uma vermelha e outra negra, de cada lado da Concubina. Que por detrás dele se acenda uma outra vela, mas de cor dourada, formando assim um triângulo invertido dentro do qual os operadores trabalharão a Arte Negra. Que ele medite, depois, sobre essa oposição entre Cristo emparedado dentro da Igreja e preso pelos pregos à Cruz do Suplício Redentor e a Mulher nua e livre por detrás dele, sem pregos nem amarras, fora de sua prisão e na Natureza, como senhora dos campos e das florestas onde o Selvagem é o atributo excelso de Deus.

1

Que ela abra a noite escura de sua capa e que a Luz Gloriosa de sua Nudez seja como a Luz Santíssima de Deus subitamente revelada na Noite Cósmica. A Noite que abraça então, a essa hora tardia da noite, a humanidade que dorme o sono pesado dos mortos condenados. Que a Nudez dessa mulher seja para ti o Verdadeiro Ícone de Carne de Deus. Que ela seja o Verbo e o Logos encarnado.

O rito começa com o Grande Sátiro beijando o solo diante dos pés da Concubina, onde se operará a Grande Transmutação dizendo:

Amaldiçoada seja a Cruz e o Rei dos Intrujões

Abençoada seja a Terra que bebeu o seu Sangue

Glorificado seja o Homem e a Mulher

Unidos na Hipóstase do Logos: Shaitan-Lúcifer

2

Assim, ajoelhado diante dela, o Grande Sátiro declara em oração ao Ícone de Carne:

Esta é a Luz Antiga que só a Noite recorda

A Pedra Sagrada e Enjeitada pela ilusão pecaminosa do Homem

É na nudez da Prostituta que está o Signo Santíssimo

O Triângulo Negro das antigas evocações.

Aqui arde o Fogo da Gnose Amaldiçoada

Onde os Ancestrais são lembrados e reverenciados

Onde a vida dos campos é semeada pelos teus Sátiros.

Porta da Morte e Porta da Vida  
Livro Vivo de Carne Condenada  
Que trazes no Santo Nicho de teu Prazer

Tuas folhas e pétalas de carne ver-



melha

Rosa de Carne que extingue a Cruz  
e o Prego.

Ó Rosa aberta no Secreto Jardim  
Onde rescende de odores incense-  
ais!

Ó Luz Proibida da Alva Lúcifer!  
Com que esconjuro a Cruz e o Se-  
nhor dos Intrujões

3

Beijando a púbis  
Abençoado seja o templo santíssimo  
de teu Prazer onde todos se perdem e  
alguns se encontram.

Beijando o ventre  
Abençoado seja a forja de tuas san-  
tas transmutações onde todos os Dese-  
jos são engendrados.

Beijando os peitos  
Abençoado sejam os teus peitos de  
prazer de onde nutres os mortos pois o  
teu leite é a ambrosia da Memória.

Beijando os lábios  
Abençoado sejam os teus lábios de  
onde proferes os santos oráculos e im-  
precações, os gemidos do êxtase.

Beijando a testa  
Abençoado o santo cálice de ossos  
que é o Santo Fetiche do Diabo nosso  
Mestre.

4

Que ele continue de joelhos olhando  
a sua nudez, dizendo:

Eu sou o Sátiro teu Sacerdote e tu a  
Ninfa de seu Deleite. Pois o Deleite sem  
Lei nem Cálice é a Sabedoria de Deus.

Somos Errantes como a Serpente

nosso Pai-Mãe neste Caminho de Ossos  
e Rosas.

As nossas mãos estão sempre va-  
zias, mas as nossas bocas estão sempre  
cheias com o suco de tua Macieira.

Ó Serpente Abençoada que vives  
oculta na Semente do Diabo. Ergue-te  
agora sobre o altar de tua Concubina de  
onde nasce o Pilar de tua Bem-Aventu-  
rança.

5

Agora que ele se levante e decla-  
re com os olhos fixos nos olhos de sua  
concubina:

Pela terra onde me ajoelho e le-  
vanto e a água de onde bebo e venho,  
pelo fogo que no ardor nos envolve e  
pelo ar que em vórtice se ergue em cír-  
culo, sejam todos testemunhos deste  
Despertar. Que Cristo seja esquecido e  
condenado pois nos fez esquecer quem  
somos. E a Serpente que nos acordou de  
nosso sono letárgico se erga agora em  
exaltação no sacramento de nossos cor-  
pos unidos e transfigurados. O Prazer é  
o Sacramento.

6

Então que os corpos se unam em  
desejo convulsivo e no abraço turbu-  
lento de sua "Morte", imitando sime-  
tricamente a morte de Cristo. Que eles  
ressuscitem Despertos com o Poder da  
Serpente brilhando nas suas faces ilumi-  
nadas. Então, depois de unidos assim,  
que mudem de lugar: o homem agora  
de pé e com as costas sobre a parede fria  
da Igreja. Esteja orgulhosamente erecto  
como Pã, em oposição a Cristo por de-  
trás dele. Que abra os braços como Ele  
mas como fossem asas e libertado da  
Cruz pela Alegria Convulsiva do Eros.

Então, que a Mulher se ajoelhe ago-  
ra diante dele e recupere de sua vulva  
a semente de seu Sátiro e declare com a  
hóstia santa na sua mão direita:

Este é o Santo Sacramento do Delei-  
te Eterno

O Diabo é a face convulsiva de Deus  
Eterno

O Eterno é Eterno Prazer e Eterna  
Sabedoria

Abençoado o Phallus de onde a sua  
Luz irradia pela Terra

Abençoado o Santo Cálice da Mu-  
lher que a hospeda

Este é o Santo Graal de Lúcifer  
O Sátiro aqui de Luxúria Coroado é  
o Diabo

Verdes são as suas plumas e o seu  
manto de folhagem.

Esta é a Face Negra de Deus aqui  
celebrada

O falo é o seu sacramento e a vulva  
o seu ostensório

7

Que o sacramento seja comido e de-  
clarado:

A Cruz está abolida e a Rosa de  
Novo Florida.

Que as velas sejam apagadas e guar-  
dadas para depois serem de novo alu-  
miadas toda a noite sobre o altar e que  
elas em triângulo lembrem o sagrado  
ostensório da humanidade onde a Besta  
e a Prostituta reordenam o Caos e de-  
claram o Novo Verbo. •





BM Resende

# heilel ben-shachar

*Fátima Vale*

penetrada pela estrela d'alba  
adormeceu dentro dos olhos feridos da noite  
os danos e daninhos incendiados  
despertaram os aromas mais longínquos da tribo  
daquele corpo detido •





# La Vey - me

*Fátima Vale*

o granito  
ascende à força da mão esquerda  
carne ou pedra o mesmo Ser  
rasga o ilusório  
com mãos gigantes – raízes  
inflamadas pela Chama-Negra  
porque estamos mortos  
só a criação desperta •





# Devilish Visions

*Melusine de Mattos*

I dared to stare into the eyes of the  
Devil!

He came glowing towards me

Singing poetry in my ears

Ravishing my thoughts and emo-  
tions

Possessing my body – the well of  
unknown desires!

I dared to gaze upon his lips

His joyous words comforting me

The tongue with all languages

The Fire with no sentence – radiant

Dawn of Wisdom!

I stared at the bright emerald

Enlightening my steps in the dark  
night

And laid still...

[Held my breath

Took him in my arms

In the deep cave at the edge of the  
deep blue sea...]

I never saw him again...

I never heard his voice again...

I never felt his touch again...

Left on the shore, where the divine  
line

Stops the water from rising above  
the sky

I dropped a tear of despair and so-  
litude!

I shall paint my face black and  
wander through the Streets of Shame

For I will never be able to look  
upon another:

He still lives inside my flesh! •



# A palavra subversivo

.:gmr.:.





Recentemente uma amiga comentou comigo, que numa conversa com dois colegas de trabalho, utilizou a palavra subversivo e que eles não conheciam a palavra. Não conheciam a palavra subversivo.

Não é só a falta de léxico que é lamentável, é igualmente o facto de se constatar que a normalização e massificação niveladoras se instalam de tal modo confortavelmente, que já nem sequer têm de se preocupar com conceitos a caminho da obsolescência; o futuro está pavimentado pela ignorância conceptual, tranquilizem-se os que não gostam de perturbações sociais.

Para subverter é preciso questionar, mas num tempo em que todos afirmam, não é tarefa simples.

Imagino que para os mais verdadeiramente satanistas - com sentido de humor, vá - tudo isto seja o paraíso verdadeiro: o Ego nunca atingiu tamanha expressão na história da nossa espécie como actualmente, arrisco-me eu a dizer.

Agora podemos afirmar a nossa individualidade através de uma sequência de quatro fotografias, com

expressões distintas, em tudo similar às demais, enquanto os nossos amigos enaltecem a nossa beleza e graças naturais. Exibir a praia com água cristalina, onde nadámos a sós com golfinhos, em comunhão com a Criação - que o nosso exemplo contagie o próximo e este vá salvar alguém, inspirado pela legenda com citação mística que acompanha a foto.

Os produtos de consumo são todos pensados para as nossas necessidades individuais; individuais, ênfase. A nossa saúde importa para a indústria do leite. A nossa saúde importa para a Corporação Dermoestética, a nossa saúde importa para a Unilever e outras tantas empresas de produtos químicos que também produzem alimentos, mas alimentos bons, com progesteronas e esteróis naturais, enriquecidos com cálcio ou Ómega 3, não importa. A nossa saúde importa para a Pescanova que se certifica que congela logo o peixe assim que este é pescado, como im-

porta para quem produz ovos biológicos a pensar naquela fatia de mercado que se preocupa com a sua saúde ou com a sua consciência.

A nossa segurança também é importante para quem fabrica automóveis, ou vende viagens aéreas; segurança e conforto. Quem não gosta, quem não quer? O conforto na entrega das compras em casa, não vamos correr o risco de ter de falar com uma pessoa a sério se formos à mercearia, ou carregar os sacos cheios de latas de conservas e areia de gato... nada confortável. Alguém que o faça por mim, enquanto eu penso no meu novo carro e no conforto e segurança que ele me trará. Ainda bem que os engenheiros da Volvo pensaram em tudo o que eu gostava de ter num carro, parece que me conhecem.

Os norte-americanos e os ingleses largamente, mas no fundo, os alemães, os franceses, e os suíços, todos eles se preocupam connosco e com a nossa segurança, bem como com o conforto. Eles libertam nações livres e vendem-lhes os recursos de volta, de modo a democratizar, que me parece que é um sinónimo de normalizar, a oferta de bens de consumo disponíveis para as nações livres. Assim, não só é possível obter o conforto de um carro, mas também, o de um que anda com gasolina. Isso, e a segurança, que os terroristas são todos mortos durante o processo de qualquer modo.

Todos eles se preocupam, porque o que importa somos nós.

Tudo isto se passa assim porque não estamos a olhar para fora de nós, não estamos a interferir, não estamos a fazer nada. Estamos a actualizar o Instagram com mais um por-do-sol inesquecível, devidamente filtrado e manipulado para não se parecer, de todo, com um por-do-sol; isso seria pouco único, e a nossa individualidade é afirmada em detalhes fúteis.

Com tanta gente séria, profissional e aparentemente isenta a tomar conta de nós, não temos de nos preocupar com mais nada que nós mesmos, os mais brilhantes centros do universo.

Se a televisão e o Facebook não utilizam a palavra subversivo, é porque não deve ser nada de terrivelmente importante - certamente já toda a gente teria feito like a uma coisa dessas, que até aparenta ter o seu quê de cool







e outsider (duas palavras em inglês, hype alert, quatro).

Aliás, tudo o que é retro, como isso do subversivo, é bom, menos os valores que, sejam quais forem, se anteriores ao século XXI são retrógrados. Bigodes de cavalheiro sim, cavalheirismo não. A igualdade de género também já não importa muito de qualquer modo, agora queremos mulheres independentes que tomem conta da casa, dos filhos e dos nossos amigos. E as mulheres querem ser independentes para irem para a faculdade e depois casarem e terem filhos, mantendo no entanto a liberdade de irem tomar copos com as amigas e falar mal dos maridos.

No fundo, o que importa mesmo, é a nossa liberdade pessoal e a independência, aquela que conquistamos quando compramos a nossa casa com um crédito de 40 anos, ou com um trabalho que nos tira o tempo para todo o resto.

Mas parar para pensar em tudo o que foi dito requer algum esforço. Reflectir, tirar conclusões e aplicá-las. Requer esforço mas é a única maneira possível de viver de um modo pleno e consciente, em sintonia, verdadeiramente, com o que nos rodeia.

Quando tirei o curso de Pintura, fartei-me de pintar exercícios clássicos de natureza-morta, nós e todo o resto. Era um pouco entediante mas claro, tendo essas firmes bases estabelecidas, era bem mais simples fazer o que queria, concretizar a visão que tinha.

Em tudo, o grande está no pequeno, e assim é que com a vida no geral se verifica o mesmo: é necessário conhecer as regras do jogo e moldá-las de modo a obter novos resultados, concordantes com a nossa visão.

Subverter requer reflexão em igual medida de acção, ora et labora sempre. Se calhar por isso existem tão poucos elementos subversivos na nossa sociedade: porque dá mais trabalho fazer do que só falar. Implica fazer coisas acontecer e mais, coisas que contrariam as tendências.

No pós-New-Age em que nos encontramos nem sequer nos falta a normalização da Hermética e do Ocultismo no geral, tão na moda, tão graficamente apelativo. Nem esse reduto da subversão passou intocado. Subverter também é manter ideias vivas, ideias obscuras e raras, visões ontologicamente distintas, pensamentos das profundezas ou das altezas, ideias

maiores. Ideais maiores que nós, todos eles agora impressos em t-shirts, disponíveis na nossa cor favorita e no nosso tamanho.

Que tempos maravilhosos e revoltantes em que vivemos irmãos e irmãs.

Não sou adepto do satanismo, sou um perenialista pagão, mas sempre simpatizei com a APS e com o seu mensageiro, a Infernus, porque aqui conseguia ver uma vontade em acção. Pessoas que remavam não contra a maré, mas noutra direcção, a direcção que escolheram.

Pessoalmente, acho isso louvável e tocante.

Não é fácil tomar a iniciativa de abordar pessoas para participar num projecto destes porque os resultados são sempre incertos. Não é fácil manter um projecto editorial não lucrativo, não é fácil pura e simplesmente não desistir quando as coisas se complicam. A Infernus conseguiu fazer isso tudo durante uns tempos bons, dando aos seus leitores conteúdos alternativos e interessantes, escritos pelos mais diversos colaboradores.

Conseguiu providenciar uma alternativa real, uma Zona Autónoma Temporária de ideias e ideais, de costumes e morais, e é bom que os leitores desta revista tenham a noção da raridade

***“Não é fácil tomar a iniciativa de abordar pessoas para participar num projecto destes porque os resultados são sempre incertos.”***

deste tipo de coisas nos dias que correm. Nem todos os artigos me interessaram ou agradaram mas, no entanto, a pura existência de um meio de divulgação de ideias tão distintas é algo de assinalável considerando a oferta dos media actual. A Infernus é um raro exemplo de subversão e merece um aplauso sentido por isso.

Chegou ao fim e quando o decidi - com um certo encanto, como o bárbaro que opta pelo suicídio em vez da morte pela velhice. Há frutos que crescem para apodrecer nas árvores, outros são colhidos e desfrutados no tempo certo, e assim foi esta revista. Obrigado por me deixarem participar. •









# Cartoon-h-ell O Último Registo

*King Chaos*

*Uma participação especial para uma edição especial... Foi a primeira coisa que me veio à cabeça, assim que soube que a presente edição da Infernus, seria a última. Contrariamente ao que é habitual, desta vez, no meu cantinho da Infernus, desenharei de modo diferente, através de letras e palavras contar-vos-ei a minha experiência no Mundo Infernus!*

Tomei conhecimento da Infernus, quando ainda não tinha o corpo/tamanho e divulgação que tem actualmente, foi durante uma conversa entre amigos que decidi tomar esta iniciativa e juntar-me a este projecto ainda em crescimento e desenvolvimento.

A minha primeira participação situa-se algures no ano de 2009, na edição do Equinócio de Primavera, número doze da revista. Aproveitei a temática escolhida, Mitos, e elaborei um texto sobre os fantásticos Djinn, also known as nos tempos de hoje como, Génios da Lâmpada. Consegui fazer um texto mas apesar de ter resultado satisfatoriamente nessa edição, achei que a escrita como contributo para este projecto, para mim, resultaria muito bem, assim sendo, no Equinócio seguinte, o de Outono, correspondente ao número quatorze da revista que abordava a temática da educação, decidi ter uma abordagem diferente, a do desenho.

Nunca fui muito bom na escrita, o contrário se passava com o desenho. Sempre tive mais facilidade em transmitir as minhas ideias e visões através do desenho do que através das palavras. Apesar de não ter formação específica na área do desenho tentei essa abordagem, e acho que não me saí nada mal, a mensagem estava lá, apesar de reconhecer que não foi o meu melhor contributo neste projecto, mas para quem esteve anos sem pegar num lápis para desenhar o que quer que fosse e, com a fluidez dos movimentos muito próxima do zero, considero que foi uma prestação positiva!

Depois da edição número quatorze, veio a quinze, a dezasseis, a dezasete, etc.... o espaço Cartoon-h-ell ganhou raízes, os movimentos ganharam

fluidez e a caneta, pela “mão de Baphomet” e sempre apoiada em todos os momentos e movimentos pelo “Left and Path”, foi criando uma satisfatória e consistente simbiose entre a visão da mente e a realidade do “papel digital”!

Participar neste projecto foi fantástico. Interagir com quem o fez ganhar forma e expressão, uma experiência extremamente gratificante, acompanhá-lo, vê-lo crescer e crescer com ele enquanto indivíduo e Satanista, foi muito enriquecedor. Penso que o projecto Infernus, cumpriu em pleno a sua função, serviu para desmistificar, racionalizar e projectar, muito, o Satanismo e os Satanistas Portugueses na nossa sociedade e além-fronteiras, dando-lhes voz e imagem!

Porém um dia teria que acabar, e acabou em grande, com uma enorme bagagem cheia de excelentes participações, com contribuições de grandes personalidades do Satanismo mundial, com uma excelente reputação e um visual em constante aprimoramento.

Que venha o próximo projecto em que as inigualáveis mentes Satanistas nacionais se reúnam e deem voz à singularidade e ao que de melhor se faz por e pelo Satanismo em Portugal!

À equipa Infernus, muito obrigado!

Como prova do que escrevi no início deste texto, este pequeno texto demorou cerca de duas horas a ganhar forma...

E cá estou eu, ironicamente... Com a minha última participação na Infernus a igualar a minha primeira, a ganhar expressão pelas palavras... “Ele há coisas do Diabo!”





# ouroboro mântrico

*Fátima Vale*

mudaremos de pele sem cosmética social  
cada inferno que encerra  
outro poderoso se Ergue do descanso  
Antepassado vindouro  
Semeador de Luz  
adaga à cinta irmãos  
o próximo comboio vai ser veloz

a serpe aprumada pelo seu ceptro  
ressurge capaz de demolir todas as barreiras  
lisa  
o fogo somos nós que o acontecemos  
renova-se a cada ciclo  
fora do tempo comum  
dentro do corpo cenário  
da Acção •





# Sob a influência de Saturno e da Serpente

*Luís Couto*

A primeira vez que vi um exemplar da *Infernus* (deve ter sido em 2009 ou 2010) reconheço que fiquei imediatamente surpreso e agradado com a sua apresentação gráfica (é bem verdade que se come com os olhos!), ao nível do melhor que se faz, mesmo se compararmos com publicações com outros meios e destinadas a um público mais vasto. E os conteúdos escritos não ficavam em nada atrás dos gráficos. É raro encontrar-se tão grande número de artigos e entrevistas que nos despertam mesmo o interesse pela sua leitura. As temáticas eram bem abordadas, privilegiando formas de pensar de indivíduos que sobressaem pela sua visão própria e independente. Pensamento o menos possível dogmático, num mundo que se está a tornar cada vez mais, com novos preceitos substituindo com ainda mais força os antigos dogmas impostos pelo cristianismo.

Muitas vezes a temática escolhida para cada número catalisou não apenas meras reflexões, mas intuições revelatórias, de tal forma que nunca sabia exactamente onde cada texto iria conduzir-me, obrigando a perspectivar determinados assuntos sob uma nova luz (ou escuridão).

2013 tem sido um ano de finais: primeiro, marcou o final do projecto musical que conduzi durante catorze anos – *The Joy of Nature*. Agora, marca o fim da *Infernus*. Mas uma visão centrada em inícios e fins é muito limitada, porque tudo está a acabar e a começar em instantes de tempo não mensuráveis. Como tudo o que tem que ser feito tem o seu tempo certo, vemos inícios e fins. Mas o que aparentemente acabou, continua de outra forma: o impacto de uma mensagem transmitida é maior depois da sua transmissão e é impossível prever as suas consequências.

2013 é, para os chineses, o ano da

serpente, logo um ano de renovação. E para que haja renovação é preciso que a serpente mude de pele. O que morre e nasce é apenas a sua pele, não a sua essência. Segundo a astrologia ocidental, 2013 está sob o signo de Saturno. Saturno rege tanto a estrutura óssea do homem como a sua pele, ou seja, o seu revestimento exterior. Podemos desta forma verificar que tanto no Extremo Oriente como no Ocidente o significado deste ano é o mesmo (aliás, como para qualquer outro ano). Saturno (deus romano) é representado a devorar os seus próprios filhos e é o regente do signo de Capricórnio, que tem no deus Pã (a sua semelhança com Baphomet é assinalável) um dos seus símbolos mitológicos.

Na segunda metade do ano passado faleceu um amigo meu que me ensinou muito do que sei sobre plantas psicoactivas (usadas no xamanismo tradicional e no que podemos designar por via da mão esquerda). Nunca me esqueci do que ele me dizia sobre as suas experiências – “Está tudo dentro de ti, as plantas não metem na tua cabeça nada que já lá não esteja”. A dado ponto, quem envereda por essa via, seja com recurso a substâncias psicoactivas e/ou rituais mágicos, pode obter esse conhecimento, regressando ao ponto de partida, mas já com outra percepção. E há algumas palavras nas F.A.Q. da A.P.S. que apontam para essa renovada forma de perceber as coisas – “todo tipo de vida é sagrado”. Religiões e ideologias são as muletas para quem ainda não percebeu que tudo aquilo que se pode considerar sagrado está dentro de cada indivíduo e até nas coisas aparentemente mais insignificantes da sua vida diária. O sagrado não se confunde com moralismos e está para lá de conexões restritivas de bem e mal. •







Por fim,  
o fim.

*Adamastor*





*Nunca a mais pequena célula do meu corpo imaginou semelhante coisa.*

*Assim começo a minha última participação neste tão grande projecto, nem poderia ser de outra forma. Eu explico!*

Era eu um adolescente já a ultrapassar o prazo de validade, na minha já enorme sede de novas prespectivas, encontrei um fórum em tons de preto, branco e vermelho, onde a linguagem era complexa e estranha e se discutia, para meu espanto, o Ser, (pelo menos foi dessa forma que o meu cérebro decodificou o cenário), sob a bandeira do tão abafado Satanismo.

Imaginem a minha surpresa, quando descobri que tudo me fazia sentido.

*"Mas andavas à procura de coisas suspeitas! "* – Pensarão vós, mas não. Encontrei de forma inocente, como se o próprio dedo de Lúcifer me tivesse guiado. Ou isso ou andava obcecado pela indulgência. Hoje é a consciência e o tédio e o nojo. Mudam-se os tempos, da mesma forma as vontades e as curiosidades. Se estivéssemos estagnados, triste a nossa existência, adiante.

Pois então foi como um soco atrás da orelha esquerda ter encontrado tal sítio, e na internet, que na altura ainda era mais ou menos novidade e sempre antecedida por sons altamente irritantes e que nem sempre eram garantia de acesso. Fique submerso no enigma, o que queriam dizer aquelas pessoas, resolvi lançar-me à arena, pois sempre confiei na minha iluminação bem como na capacidade de opinar e questionar. Saí de lá amassado, ferido... e entusiasmado. Que deleite o meu ao encontrar individualidades com processos de ra-

ciocínio semelhantes, mas tão diferentes, simultaneamente.

(Realmente pensar, questionar de forma independente, não faz mal a ninguém, deveria ser a receita passada a todos os atrasados mentais que por aí andam, e refiro-me apenas aos atrasados, sem atraso nenhum, que conseguem ser ainda mais atrasados que os que têm realmente um atraso.)

Depois de sucessivas argumentações por mim fomentadas serem desmontadas, julguei que era sem dúvida um lugar de loucos, maluquinhos de todo. Mas todos os dias lá voltava eu ao site de satanismo. Queria saber novidades, queria conhecer as opiniões, satisfazer obsessões, experimentar emoções... Em suma, ler.

Dei então por mim a deixar Platão para trás, senhor esse que ainda hoje me condena a pensamentos circulares nas noites pior passadas, a permitir algum descanso às páginas já puidas de Poe e Hemingway, para me deixar absorver pelas opiniões de alguns opinantes que por vezes me levavam a roçar o êxtase. O mais engraçado em tudo isto é que raramente se falava em "satanismo" ou coisa semelhante, tal só acontecendo para esclarecer algum marinheiro transviado no mar confuso que era o *www*.

Durante alguns meses frequentei esse espaço virtual, onde se falava de

tudo um pouco, onde se discutia ferozmente cada ideia, onde eu conseguia exteriorizar as minhas mais intimas sensações, ideias, loucuras, desejos... onde o meu pensamento ficava a nu, exposto como carne esponjosa de uma coxa dilacerada, era fantástico.

Mas sendo eu um homem insaciável quando se trata de novas perspetivas, devo ter-me embrenhado num outro fórum escuro ou até mais provavelmente, num sítio escuro e com certeza, imundo, sendo que nesses antros muitas vezes se encontram opinantes bem engraçados e tudo é um tijolo para a minha eterna construção.

A vida continuou mas a minha ligação continuava a ser muito forte, principalmente quando dava comigo a falar de forma tão convicta e crente sobre o individualismo e na necessidade de nunca menosprezar o individual em prol do grupo.

Desde então sempre que alguém insinua que sou individualista, egocêntrico ou coisas semelhantes, o meu peito incha de satisfação, pois sei então, que cumprio a minha parte nesta comunidade. O Humanismo não é possível sem o individualismo, não poderemos nunca abdicar de nós, dos nossos propósitos, das nossas ideias, das nossas crenças, caso contrário seremos apenas um tumor maligno a crescer dentro de um organismo vivo.

Muito bem, esta foi a minha tentativa de romancear a coisa, agora prossigo com a objectividade que me for possível.

A oportunidade de colaborar com a *Infernus* aconteceu não há muito e de uma forma totalmente inesperada. Agradeço desde já o convite que me chegou via Metzli, é sempre um deleite quando nos propõem fazer aquilo que tanto gostamos e com temas capazes de me incomodar, o que por si só também é bastante motivador.

Deixei sempre o meu pensamento a nu, requisito obrigatório para quem anda nestas andanças, e que o deveria ser também para as massas. Esqueçam recalcamientos, educações antigas, dogmas podres herdados de bocas bafiantes. Pensem e sejam aquilo que pensam, ou pelo menos definham a tentar.

Este projeto que agora finda, foi responsável por fazer milhões de neurónios vibrarem o que só por sim deveria merecer um condecoração do que é de Boliqueime.

Terei saudades.

Eis tudo. •







# Abortura e Nadamento

*BM Resende*

**abortura**

o nojo irrompe coagulado  
entre lábios ondulantes  
na reverberação muda  
da progenitura interrompida

sem horizonte um feto diz a inércia  
nas intermitências dos faróis  
e luzes redundantes atestam a as-  
sincronia mitológica

porque me ignoras a morte pai?

digo-lhe o fétido orvalhar do útero  
a indigestão da sua abortura  
e que o espanto infinito  
era o que me cega o esperma

mutilaram-me as navalhas depois  
de morto

mataram-te infinitas vezes  
o indesejo da sementeira  
faz rasgar o ventre no púlpito

guarda-me morto pai

sei-te do feto para o fecal  
sei-te no desmarítimo da sanita  
matriarcal  
o espanto infinito  
era o que me cegava o esperma

entre o útero e a sanita poderei um  
dia chorar?

não  
choro por ambos

**orbituário em primeiro nadamento**

Os ser-vícios de acordamento buzi-  
naram por um búzio. Outra coisa seria  
bailebúrdia. O rompante era estancar  
ao horizonte que mutava por estaca-  
mento. A estaca era a mesma. Apurada  
a visão por palmatória em sobre ance-  
lha vejo rio de leite da margem em que  
estava. Na outra eu não estava. Era alí-  
vio leitoral portanto.

Detive olheiras e orelheiras a perce-  
ber fluxos pois estava em checkpoint.

Sertralina: check

Cafeína: check

Bombas ATP (Ama o Teu Próximo):  
várias

Roupina: nu point

Chavina: check

Era muito cheque. Então meti o  
troco entre os mamilos pois eram de  
metal. Ambos e mutuamente. Dirijo-  
me ao balde an(corado) que crepitava  
uma certa cosmogénese que sobre-saía  
dos demais. Esses tinham naufragado  
por pouca braçadura. Lembrei-me não  
saber nadar o que era saber alguma coi-  
sa. Vaga-bundear em seco era eufem(in)  
ismo. Em molhado também. Estava de  
ranhuras acesas.

Desan(coro) com alé-lula em di  
maior e dó menor por forma a fazer  
didoscália em algum site. Um cavalo-  
-marinho azul surge em nervoeiro e  
retom(b)a o seguinte, "Nasceu-me cor-  
no monoteísta, nos inter-médios da  
linguista, e assim te digo, três provas  
tens de dar, se algodão-doce queres en-  
contrar". Oracularizei-me com tal, mas  
como foi mais que uma vez perguntei  
ao agripino de tales, "Afirma?", e ele  
deu-lhe no "Cu rubora.". Assim sen-  
do tinha nalgas para actuar. Alapei-as  
antes de mais. Meti-me a dar à roldana  
que me subia e descia do balde, balde  
esse que ia nas vagas leitorais em livre-  
-orbitrio. Estava em orbituário.

De margem a margem a epistemo-  
logia era total. Ex-tensos mamaçais a  
perder de vista esguichavam os fluidos  
primordiais pelos respectivos mamilos  
de respectivos mamileiros. Era a mater-  
nidade que me embalava a viagem.

Surge de rompante velha azulada  
em cima de penedo filosófico. Esbarro  
nele dando à roldana que me erigia à  
super-fície. "Três provas tens de dar,  
se algodão-doce queres encontrar.",  
chispou. Miei e a coisa prosseguiu, se-  
guiu profissionalmente, "De dois pa-  
litos se faz um boomerang, que se faz  
com ele?", arregalou. Puxei a pestana  
até ao céu da boca e trovei, "Segura  
o sono dos olhos, nas pestanas hori-  
zontais e verticais.". Acertou o queixo  
com os dedos húmidos e arremassou  
a segunda, "Duas provas tens de dar,  
se algodão-doce queres encontrar. Cor  
preferida?". Sai-me raio azul do estô-  
mago que colorou o céu. Ainda hoje é  
céu azul. Quando não chove. Quando  
não há nuvens a inter-ferir o óbnio, ou  
afins. Manda o três simples, "Uma pro-  
va tens de dar, se algodão-doce queres  
encontrar. Se te meteres a escavar o  
mundo à pazada saís no anti-poda?".  
Engoli seco mas saiu molhado porque  
o semáforo estava tinto e era a terceira  
gol(e)ada, "Não, porque o mundo é um  
orbituário. É preciso conta para saber  
onde sair. Não é preciso contagem para  
saber que não se anti-poda assim sem  
mais nem ontem.". Arredou o penedo  
por entre as saias e afogou-se em sorri-  
so. Pisquei pestanas coradas com uma  
cana, seria piscador? Nisto o balde ti-  
nha margem de manobra pois a torre  
era mesmo em frente.

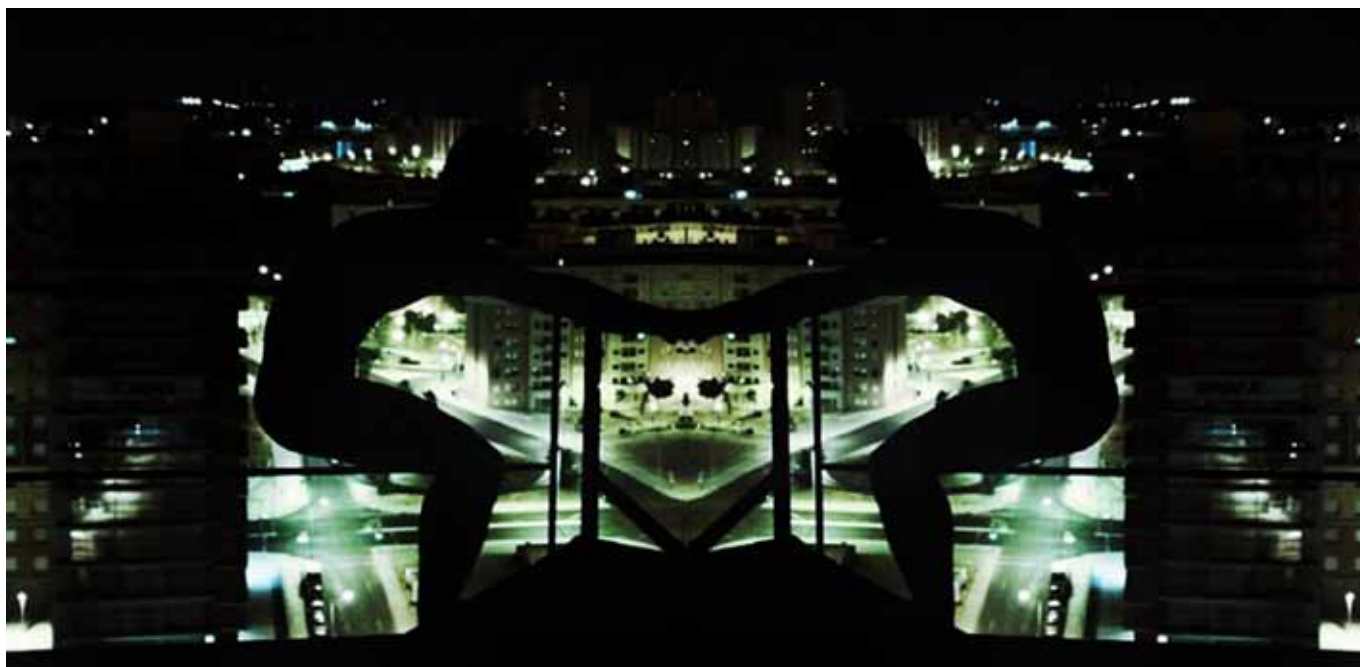
Como marginalizei de queixos à ter-  
ra, engoli alguma não fosse desterrar-  
me. Mantive o balde a suportar as ná-  
degas pois era hermenáutica de um por  
vir onde ainda não sabia nadar. Mas  
mantinha o orbituário em feno cósmico.



*"Arredou o penedo  
por entre as saias e  
afogou-se em sorriso.  
Pisquei pestanas co-  
radas com uma cana,  
seria piscador?"*







# Infernus: 5 anos

*J. Gonçalves*

Em 2008 éramos só mais uns garotos acabados de sair da Universidade. Cheios de expectativas, com a cabeça cheia de ilusões. Tínhamos levado com o agora célebre discurso do “empreendedorismo” e decidimos criar o nosso próprio emprego, acreditando que isso nos daria a liberdade criativa que ambicionávamos. Há anos que desenvolvíamos os nossos próprios projectos a maioria destinados à participação em concursos. Movia-nos a vontade de fazer bem, mas mais do que isso, a vontade de trabalhar assertivamente. Assim nasceu o Fósforo e entramos num novo mundo, o dos mercados, clientes, preços...

Aos poucos desapareceram as ilusões mais juvenis. A primeira conclusão que tiramos foi de que a Universidade não nos prepara mal e, para o mercado não nos prepara nada. Por essa altura, foi-nos encaminhado um cliente “indesejado”. Um colega (da universidade) recusara-se, talvez por algum conflito religioso ou moral (ou ...) a aceitar o projecto e perguntou-nos se estávamos interessados. Estávamos pois! Um desafio, uma oportunidade para demonstrar o nosso trabalho, para apresentar a nossa forma de fazer as coisas.

Foi assim que conheci o Lurker e a Infernus (entre outros projectos da AP-Sat). A construção da nova Infernus durou cerca de um mês e procuramos que reflectisse rigor e coerência. Que tivesse o aspecto cuidado e arrumado de uma revista de grande tiragem e mantivesse uma distância razoável (ainda que sem a desvirtuar) ao lado negro e grounge de outras publicações do género. Para isso estavam as imagens. Afinal, tratava-se de um produto para difundir o Satanismo e não apenas destinado a satanistas. Cuidamos que a leitura fosse fácil e confortável, na escolha da tipografia, no contraste das cores, na definição das margens...

Entretanto o Fósforo cresceu, mudou muito, conheceu clientes dos mais diversos quadrantes, abraçou muitos outros projectos.

Mas a cada solstício e a cada equinócio acostumamo-nos a receber a visita do Lurker, a praguejar com ele sobre o sistema, os artistas e o estado das coisas. Depois era pegar no trabalho, escolher imagens (não sem alguns arrepios, por vezes!), compor textos... Sempre com o mesmo cuidado. Rever, enviar para aprovação, créditos finais, até que por

fim mais uma Infernus via a luz do dia. E assim foi, quase se assim durante 5 anos.

Não saberia dizer se a Infernus é o projecto mais interessante que já desenvolvemos. Também não será o que mais tempo implicou mas é, de longe aquele com o qual tive uma relação mais longa, sentimento ainda reforçado por essa regularidade, literalmente astral. Nunca antes tivera tão clara noção das estações do ano e a paginação de cada número tornou-se, percebo-o agora, num verdadeiro ritual. Hoje, olhando para cada uma das capas, parece que a estou a acabar de editar...

Não é sem alguma emoção que vejo este projecto chegar ao fim. Não digo morrer, que isso custa mais. Tenho pena e vou sentir falta dela. Foram muitas horas de trabalho, em momentos chave das nossas vidas enquanto empresa e enquanto designers, durante 5 anos, em que a Infernus marcou presença. Ficará para sempre, e orgulhosamente, nas nossas memórias. Agradeço a vossa confiança e a paciência do Lurker. Espero que tenham que estejam satisfeitos com este trabalho. Melhor: ficaria contente em saber que nem deram por ele. •



# Infernus

*Nick Bougas*

*Eu gostaria de me juntar ao coro de vozes que lamentam a despedida da vossa revista satânica, Infernus.*

Muito obrigado por terem permitido que eu participasse no passado! Como último contributo, estou a enviar fotografias não publicadas de Anton LaVey, segurando os seus gatos: Cromwell (de raça *Maine Coon*) e Zambesi (*Abyssinian*). Numa tarde, há muito tempo atrás, estava de visita com o "Doc" ao seu salão e ambos os gatos apareceram, começando a fossar em mim e a quererem atenção. Eu estava a afagá-los, enquanto Anton e eu conversávamos. E, de repente, lembrei-me que tinha a máquina fotográfica no bolso do meu casaco. Propus ao "Doc" irmos pela sua casa e tirarmos algumas instantâneas dele e dos seus vários animais de estimação. E ele pensou ser uma ideia esplêndida. Começámos com uma pose mal-hu-

morada de Anton com Boaz. A cobra enrolou-se no seu ombro e desceu sinuosamente o seu braço. Essa particular fotografia ficou tão bem que é agora considerada o retrato definitivo do Dr. LaVey, a qual tem sido utilizada para representá-lo numa miríade de livros e revistas e de caixas de vídeos e capas de álbuns, mas estas poses com os gatos domésticos da *Black House* nunca foram vistas publicamente até agora. E são mais notáveis por captarem o "Doktor" num humor mais leve e engraçado.

Mais uma vez, obrigado por me darem a oportunidade de partilhar alguma coisa exclusiva com a vossa superlativa equipa e com os vossos leitores! •



A low-angle, upward-looking photograph of the interior of a Gothic cathedral. The image captures the soaring height of the architecture, with massive stone columns supporting a ribbed vaulted ceiling. Light filters through several tall, narrow stained glass windows, casting colorful patterns on the stone surfaces. The overall atmosphere is one of grandeur and historical depth.

# Isto é o fim, belo amigo

*Devis Granziera*





*Quando cresces, quando te tornas mais conhecedor, comesas a considerar mais e de um modo mais sério as questões relacionadas com a morte.*

Ao passo que, quando és mais jovem, quase só pensas sobre uma coisa: sexo. Está nos genes.

Todas as pessoas são prisioneiras daquilo que se encontra escrito no seu próprio sangue. Biólogos estão conscientes de que o ADN governa e comanda a nossa vida, estritamente. Como François Jacob (cientista francês que morreu em Abril do presente ano) claramente escreveu num dos seus livros *La Logique du vivant. Une histoire de l'hérédité* (Paris, 1980), as inovações mais importantes da evolução são o sexo e a morte. E, uma vez que ninguém pode escapar aos ditames biológicos, todas as pessoas são submetidas ao sexo e à morte. Alto e bom som. O sexo e a morte são os pontos-chave do plano evolutivo. A morte não é uma lamentável inconveniência da reprodução sexual, antes trata-se de uma característica indispensável da vida em prol da salvaguarda das espécies, permitindo que gerações posteriores sigam gerações anteriores.

A vida comportou matéria, os humanos são apenas a descendência de muitas formas de vida anteriores que vieram da matéria. Aqui, não tem sentido adicionar-se qualquer tipo de valor moral à MORTE. Se assumimos o ser humano como sendo a espécie viva mais complexa e evoluída, que alguma vez existiu, temos de assumir que, de acordo com a biologia, a MORTE é somente um factor vital da evolução. Não é uma bênção, não é uma maldição, é apenas um facto. Um facto que também envolve as actividades de seres humanos.

Agora, civilizações há muito tempo desaparecidas vieram antes de civilizações actuais, novas línguas seguiram-se depois das línguas mortas dessas culturas perdidas, religiões de hoje descendem de superstições e crenças mais antigas. Podemos ver escombros, monumentos em ruínas e edifícios em decadência erguidos por gente ancestral que não mais existe e eu posso ir listando muitos e muitos outros exemplos. Assim como as pessoas não conseguem escapar à sua própria morte, não conseguem evitar o fim das coisas às quais costumam dar mais importância. A morte é natural, normal e ainda óbvia em relação a todo o tipo de expressão humana e isto não é um facto que diga

respeito apenas à realidade biológica.

Contudo, o problema está em que, se a morte é parte da nossa vida, não seria melhor se pudéssemos viver a nossa morte de acordo com a nossa livre vontade e sob o nosso próprio controlo? Demasiadas e demasiadas vezes é praticamente impossível exercer plena livre vontade e pleno controlo sobre os nossos próprios actos, durante a nossa vida quotidiana.

É por isso que é muito importante usar até os mais pequenos fragmentos de liberdade que tenhamos. Exercer a nossa liberdade não é uma tarefa requerida à sociedade ou à política, mas é uma tarefa que temos de designar directamente apenas a nós próprios. Nós não pedimos para nascer e não pedimos para morrer. Enquanto seres racionais, compreendemos que um dia teremos de morrer, mas o nosso próprio fim devia de ser uma matéria totalmente requerida ao destino, sem qualquer traço do nosso próprio projecto, um acto da nossa própria livre vontade?

Qualquer parte da nossa vida, o fim incluído, devia de ser escolhida responsabilmente e vivida por nós próprios. O suicídio é uma solução para aqueles que querem viver a morte como a parte final de uma vida vivida totalmente de acordo com liberdade e total livre vontade. O suicídio é a solução que pode ser efectuada apenas se existe, pelo menos, uma possibilidade mínima de colocares as tuas acções de acordo com a tua mente. Se tu não és livre para agir e se tu não estás consciente daquilo que fazes, tu não podes cometer suicídio.

O suicídio é uma declaração de independência de vontade exterior. O suicídio reclama um direito à liberdade e, por vezes, também reclama um direito à felicidade e dignidade.

Estas linhas não pretendem ser uma

*“Evidentemente, a opinião pública é ainda escrava de proibição ancestral que teve a sua origem na religião cristã. Seja como for, algumas pessoas não se importam e fazem o contrário.”*

apologia do suicídio, mas uma consideração sobre as suas implicações não mencionadas. É estranho notar que o Mundo Ocidental, a partir da revolução francesa até agora, viu liberdade, felicidade e dignidade como direitos fundamentais. Então, por que não pode ser, quando alguém afirma o direito de se suicidar?

Evidentemente, a opinião pública é ainda escrava de proibição ancestral que teve a sua origem na religião cristã. Seja como for, algumas pessoas não se importam e fazem o contrário. Somente para nomear algumas delas: o filósofo Walter Benjamin, que morreu, em 1939, após ter engolido comprimidos de morfina; a escritora Sylvia Plath, em 1963, colocou a cabeça no forno com o gás ligado; a poetisa Anne Sexton, em 1974, que se trancara na sua garagem e cometera suicídio por asfixia de monóxido de carbono do motor do seu carro; o músico Rozz Williams, principalmente conhecido pela sua banda Christian Death, cometeu suicídio por enforcamento, em 1998; e Marco Corbelli, igualmente conhecido como Atrax Morgue, músico de industrial noise e meu amigo chegado, enforcou-se, em 2007.







# O Cisne e o Pavão

*Charles Sangnoir*

O cisne, em toda a sua elegância e porte, animal de graça e equilíbrio merecia talvez ser mais admirado pela sua beleza do que pelo epítome do seu canto *peri-mortem*.; Já o pavão, reconhecido pela sua plumagem extravagante e comportamento orgulhoso, altivo (por vezes agressivo), tem um grasnar ridículo, cómico até. Nada é perfeito: o que se retira desta comparação é que o melhor continua a ser tirar proveito das qualidades e omitir as fraquezas no limite do possível.

Consta que deixaremos de nos encontrar por aqui; muitas podem ser as razões para tal, mas todas no fundo são irrelevantes. Consta, como disse, que deixaremos de nos encontrar por aqui. Nunca fui homem de grandes despedidas; tenho pouco de masoquista e não há grande propósito em alongar o que deve ser feito. Seria proveitoso, dado ser a última vez que aqui vos escrevo, fazer um balanço.: Conheci boa gente, conheci má gente, cheguei a públicos novos, extraordinários e conheci também abéculas de morrer a rir. Independentemente

do credo de cada um, do ideal de cada um, há gente maravilhosa e ruim em todo o lado. Tive a oportunidade de trabalhar nestas páginas com gente muito talentosa. Isso é motivo de orgulho que pretendo manter e prosseguir seja em que páginas for.; Tive também a oportunidade de ver o meu trabalho (musical, principalmente) apoiado, divulgado e apreciado até, nestas mesmas tiras de papel que agora enfeito. É motivo de regozijo e celebração, coisa que sentirei muito depois de toda esta celulose ter já ardido! Li nestas páginas coisas de encantar (e outras nem tanto, esporadicamente - esta coisa da sinceridade um dia fode-me). Outras gostaria de ter lido - não havendo tempo ou espaço, ficarão para um outro universo (all good things to those who wait, right?).

Espero ter podido contribuir para o vosso entretenimento. Tenho consciência do conteúdo prosaico das minhas crónicas mas não me arrogo a pretender mais que a diversão ligeira. Os sentimentos profundos pedem mais ser vividos do que transcritos.

Consta que deixaremos de nos encontrar por aqui.; Assim sendo procurem-me por esses cantos manhosos das redes sociais (é mais fácil e convidativo procurar quem escreve do que adivinhar quem lê) e trocaremos meia dúzia de palavras - os meus rabiscos nestas páginas já me proporcionaram também esse prazer e espero que desta leva nos encontremos nesses ou noutros preparos.

Como pensamento final (hoje sinto-me particularmente em modo folhetim anarquista versus revista cor-de-rosa) volto ao cisne e ao pavão: depois de tanto trabalho alcançado poderemos todos (quem leia e quem produza, em particular aqui para a *linfernus*, mas no fundo de forma geral) ser reconhecidos pela exuberância e irreverência ou tão somente pelo grito de Ipiranga. Uma vida inteira traduzida num só epitáfio? Não. Trazei-me as penas verde mar e azul petróleo - é infinitamente mais luciferino. •



# Salmão Fumado

*Jorge Taxa*





## 1. **Dedicatória à Infernus**

Como escrevi, em 2010, no meu O Imensurável, Ed. Afrontamento (sobre o qual B. M. Resende elaborou uma resensão para esta revista), “[...] o ateísmo emergente e crescente no mundo actual como individuação necessária de um colectivo disperso (monadológico) que não se revê nas alternativas religiosas que o mundo oferece (ou até impõe) e que, na maioria dos casos, constituem e regulam o Poder (ao qual os ateus são submetidos). [...]”; “[...] Lamentável é que muitos ateus permaneçam indiferentes, não solidários e até niilistas na resinação ante o absurdo, a justaposição de monólogos, a violência e a fealdade do ‘Velho Mundo’[...]”; “[...] Sucede que, perante um esvaziamento de valores, há que proceder a transavaliações. O contrário de uma mística é a ausência de mística, mas o diferente é uma mística diferente, empírica e purificada de misticismos [...]”; “[...] 23.7.2008 – José Sócrates, então primeiro-ministro português, em declaração radiofónica: ‘O primeiro princípio da liberdade religiosa é o respeito pela diferença’. Mas que respeito é este que parece exigir-se aos ateus, num mundo de alucinados? Onde, precisamente, o respeito é, como diria Adolfo Luxúria Canibal em relação à esperança, ‘a trela da submissão’? E não só! Neste caso, o respeito torna-se numa coleira de espinhos excruciantes! Faz mal a quem o pratica... Faz mal aos ateus que têm o direito de desevangelizar aqueles que foram artificialmente evangelizados. Pergunte-se a um bebé se é ateu ou crente. Porque: para se ser crente, não é preciso aprender a ser-se crente? ‘O ateísmo é uma segunda inocência’ [...]”.

Por estas e outras, pode ver-se ou mesmo divisar-se por aqui o meu regozijo e o quanto me aprazem iniciativas como esta, da Infernus, a qual, durante trinta inestimáveis números, durante sete eras, luminosas e cíclicas, e meia – ciclos relacionados com a eclíptica do sol e com os seus mínimos e os seus haut punkte –, trouxe ao nosso conhecimento, além de inúmeras mais, as proposições onto-nológicas essenciais supra-escritas, com uma inflexão saborosamente (salgada ou picante) satânica. Consistirá, com os seus temas perenes/acuais/extemporâneos apresentados – como a Utopia, a Morte ou

***“A carrinha de cartão  
passa a lápide ambulante,  
pára um pouco depois e todos  
saem. As pessoas do  
passeio – na maioria,  
doentes mentais –  
descomprimem um  
pouco, enquanto se  
aproxima uma vendedora  
ambulante de  
t-shirts vermelhas  
todas iguais.”***

a Eugenia –, na real(izada) refutação das minhas palavras supra, ou mesmo na inequívoca demonstração de que não há tanta indiferença assim? Um grande Obrigado! aos colaboradores mediatos ou imediatos desta revista, e a afirmação sincera do meu jorgulho em figurar entre eles!

## 2.

(Adaptação especial para este (especial) último número da Infernus do texto de um Acto de uma peça teatral de 2011 que, conquanto natalícia na sua essência (– atenção! Não desistir já! Esperar ainda um pouco!...), se envidaram esforços para que insinuasse – tanto quanto influenciasse através do seu insinuar – dizia, ela, a peça (– agora, sim!), uma imoralidade iconoclasta e sarcástica inversamente proporcionais à época.

Nota: Gomes Leal escreveu em território luso, em 1884, O Anticristo, quatro anos antes de Friedrich Nietzsche – por seu turno, em Engadine – redigir o seu livro com o mesmo título. Mas, neste Acto que se segue, não tem, a personagem de Gomes Leal, qualquer importância para o desenrolar da acção. Em todo o caso, conviria indicar que

supostamente Gomes Leal é aqui um redivivo nos tempos actuais e que está internado num manicómio próximo).

## **Salmão fumado Acto em suspensão**

[...] (dois voluntários trazem uma carrinha de cartão, por detrás da qual todos se metem – o Terapeuta, um Segurança, Gomes Leal e os figurantes-estátuas de cartão, representando doentes mentais, manejados por mais dois voluntários, não sem que as suas cabeças deixem de ser vistas pelas janelas da carrinha de cartão. Deambulam todos, por detrás do veículo bidimensional, um pouco em volta da boca de cena. Até que outro voluntário entra em cena, portando uma lápide ambulante a dizer “Parque da cidade”. A carrinha de cartão passa a lápide ambulante, pára um pouco depois e todos saem. As pessoas do passeio – na maioria, doentes mentais – descomprimem um pouco, enquanto se aproxima uma vendedora ambulante de t-shirts vermelhas todas iguais. Todos se dirigem a ela com o intuito de lhe comprarem uma t-shirt, o que acabam, todos, incluindo Gomes Leal, por fazê-lo: por comprar a t-shirt vermelha e depois vesti-la – isto é: menos o Terapeuta, de bata branca, e o Segurança. Todos, excepto estes, ficam vestidos com t-shirts vermelhas iguais)

## **Cena 1**

Terapeuta Ocupacional – Sugiro agora que dêem um passeio pelo parque. Vamos!

(saem de cena todos. Insinua-se, então, em passeio flanante, no palco – em pleno Parque –, um par, que viremos a saber serem Salman Rushdie e uma jornalista do Jornal dos Debates. Um voluntário traz, um pouco atrás deste par, um outro par – desta vez, de estátuas de cartão de guarda-costas com óculos-escuros –, por detrás do qual se coloca e vai portando, lentamente)

Jornalista – Sr. Salman Rushdie: nunca é demais agradecer mais uma vez, da parte do nosso Jornal dos Debates, a entrevista que nos concede, por esta ocasião da sua visita ao nosso país, mais propriamente a este distrito e a este Parque da Cidade. Espero que esteja a ser agradável, o passeio...



Salman Rushdie – Este Parque é deslumbrante. E o dia natalício de sol, aqui, é delicioso! Viu, por acaso, os meus guarda-costas?

Jornalista – Os seus guarda-costas estão um pouco atrás de nós. Não se preocupe: aqui, pode sentir-se protegido. A sua vida nunca mais foi a mesma desde que Ayatolla Khomeini o condenou publicamente à morte com a fatwa, pois não?

Salman Rushdie – Nem podia ser. Tivemos de triplicar cuidados. Com fundamentalismos não se brinca...

Jornalista – Foi esse mesmo fundamentalismo e as perseguições que o Islão fazia, e faz aos ateus e apóstatas que criticou nos seus “Versículos Satânicos”?

Salman Rushdie – Eles não podiam aceitar que algo tão divino e intocável como o “Corão” fosse posto em causa.

Jornalista – Considera que houve uma evolução desde a sua primeira obra “Grimus”, passando por “Filhos da Meia-noite” e “Vergonha”?

Salman Rushdie – Ah... Desculpe-me, menina jornalista. Mas estou a ver ali uma vendedora de t-shirts e acho que me está apetecer comprar uma daquelas t-shirts. Gostava de ficar com uma recordação deste Parque. Aliás, hoje, com este dia natalício de sol e de calor, eis-me vestido com uma camisa quente cinzenta – e agora deu-me o capricho de me vestir de vermelho...

Jornalista – Força nisso! (a vendedora de t-shirts já tinha reaparecido. Salman Rushdie vai ter com ela e compra-lhe uma t-shirt vermelha. Volta para perto da jornalista)

Salman Rushdie – Podemos voltar à entrevista. Mas sentemo-nos numa das mesas deste Café do Parque: apetece-me descansar um pouco do passeio.

Jornalista – Claro! (sentam-se os dois numa mesa do Café do Parque)

Salman Rushdie – Sabe, menina: é muito natural que se dê uma evolução na carreira e na qualidade de um escritor, desde que tenha alguma longevidade. Mesmo Rimbaud, se vivesse até aos 50 anos, e se – é preciso acrescentar – escrevesse até lá, creio que aprumaria bastante a sua forma de escrever – e Mozart, a sua de compor.

Jornalista – Mas o seu primei-

*“Se fizesse o favor  
de conceder-me o  
obséquio... Dar-me  
uma ajuda aqui? É  
que eu não sei como  
cá vim parar. Ainda  
por cima, não tenho  
comigo a minha iden-  
tificação! Ficou no  
casaco...”*

ro romance – “Grimus” – foi pouco notado. Embora, com “Filhos da Meia-Noite”, fosse catapultado para o sucesso do Booker Prize...

Salman Rushdie – Claro, claro... Olhe, só lhe peço que me dê agora a licença de ir ali à casa-de-banho do Café, mudar de camisola e vestir esta t-shirt vermelha. Sentir-me-ia um tanto melhor...

Jornalista – Faça o favor, Sr. Rushdie...

Salman Rushdie – Obrigado. Ora, com licença...

(Salman Rushdie entra numa porta que diz W.C. Entretanto, voltam os doentes – todos vestidos com as t-shirts vermelhas – com o Terapeuta e o Segurança. Aparentam-se do Café onde está a jornalista na mesa à espera de Salman Rushdie. É então que Gomes Leal – de t-shirt vermelha – também entra no W.C. Finalmente, o terapeuta começa a reunir o pessoal de modo a voltarem para o Serviço de Psiquiatria. Chama por todos e todos entram para detrás da carrinha. O Terapeuta vai contando todos os doentes e dirige-se ao Segurança)

Terapeuta Ocupacional – Sr. Segurança, parece-me faltar um doente...

Segurança – Ah... Já sei! Foi ao W.C. Eu vou buscá-lo.

(O Segurança passa algum tempo à espera na porta do W.C. Até que sai Salman Rushdie já com a t-shirt vermelha vestida. O Segurança indica-lhe para segui-lo. A princípio, Salman Rushdie parece contrariá-lo, mas é assim que o Se-

gurança toma medidas mais enérgicas e o força a meter-se na carrinha. Entretanto, tanto a jornalista como os guarda-costas de Rushdie – com a confusão – não deram por nada disto. Por fim, a carrinha parte e sai do Parque e sai de cena, pois, a lápide que alguém transporta a dizer “Parque da Cidade”, afasta-se. Saem a jornalista e os guarda-costas de cena. Voltam os voluntários para compor um pouco um Serviço de Psiquiatria e saem de cena. A carrinha volta à cena e chega ao Serviço. Saem da carrinha os doentes e Salman Rushdie – com t-shirts vermelhas – mais o Terapeuta e o Segurança.

Estes dois últimos saem de cena, ficando só Salman Rushdie, com ar de preocupado, a andar de um lado para o outro, com os outros doentes. Até que aparece o Dr. Sigmundano, de bata branca)

## Cena 2

Salman Rushdie – Dr.! Dr.! Posso saber o seu nome?

Dr. Sigmundano – O meu nome é... Doutor Sigmundano.

Salman Rushdie – Se fizesse o favor de conceder-me o obséquio... Dar-me uma ajuda aqui? É que eu não sei como cá vim parar. Ainda por cima, não tenho comigo a minha identificação! Ficou no casaco... O casaco, quem o possui, neste momento, é um guarda-costas pessoal... Isto é muito perigoso, pois não sei deles. Dos meus guarda-costas!... Corro muitos riscos aqui. Estou a ser perseguido pela condenação à morte da fatwa!...

Dr. Sigmundano – Esteja descansado, meu caro senhor. Isso é só ilusão sua. A de que está a ser perseguido... A psicose é uma patologia muito recorrente neste Serviço. Mas, com uma boa dose de medicação, tudo se resolve.

Salman Rushdie – Medicação?... Não, isso, por favor, não, Dr.! O Dr. está a falar com Salman Rushdie!...

Dr. Sigmundano – É muito natural o doente psicótico recusar-se a tomar os medicamentos. Ora, hoje já dispomos de tratamentos compulsivos. Quanto a salmão, só conheço fumado...

Salman Rushdie – Nunca ouviu falar?

Dr. Sigmundano – Mas quem é que pensa que o persegue? O senhor cometeu algum mal?

Salman Rushdie – Foi por apostasia que me condenaram à morte





e, agora, me perseguem...

Dr. Sigmundano – O senhor tem um sotaque inglês, mas não se diz apostasia: diz-se azia da posta. O senhor comeu “posta à mirandesa” e ficou com azia: não foi?

Salman Rushdie – Não é altura para brincadeiras...

Dr. Sigmundano – Mas diga-me uma coisa: o senhor Salmão Rusdi ouve as vozes?

Salman Rushdie – Vozes? As vozes das pessoas? Claro que ouço! Sofro de ptosis nos olhos, sendo, às vezes difícil manter as pálpebras abertas; mas ouço muito bem!

Dr. Sigmundano – Então, dê-me só um instante para escrever aqui... (escreve no relatório, soletrando em voz alta) De... lí... rios... au... di... ti... vos... Aluci... nações... perse... cutó... rias...

Salman Rushdie – O Dr. não acredita que tudo isto poderia ser uma terrível coincidência?

Dr. Sigmundano – Eu não acredito que haja coincidências. Nada é por acaso... O senhor sabe, os lapsus...

Salman Rushdie – Então o Dr. não acredita nas coincidências, no acaso... Não será isso o indício, que também é um início, de um pensamento psicótico?...

*Vozes? As vozes das  
pessoas? Claro que  
ouço! Sofro de ptosis  
nos olhos, sendo, às  
vezes difícil manter  
as pálpebras abertas;  
mas ouço muito bem!*

Dr. Sigmundano – Alto lá! A autoridade médica aqui sou eu... Vou receitar-lhe – começa com o injectável, lá em cima, no Internamento – para começar, 200 mg do decanoato...

(é nesta altura que a Directora do Serviço irrompe na sala e em cena)

Directora do Serviço – Dr. Sigmundano! Dr. Sigmundano! Parece que cometemos um engano grave. O Dr. Sigmundano está, neste momento, a falar com quem presumo

ser – olá, boa tarde – Sir Salman Rushdie?

Salman Rushdie – Olá, muito boa tarde! Na verdade, veio em boa altura!

Directora do Serviço – Telefonaram-nos da Embaixada, como o fizeram para todos os hospitais. E, como viram a nossa carrinha do Serviço no Parque, onde você estava quando desapareceu... Mas não se preocupe mais, Sir Salman Rushdie, esteja descansado. Os seus seguranças já vem a caminho para levá-lo onde bem entender. Está lá fora um Segurança que o vai acompanhar à entrada e esperar lá consigo. As nossas maiores desculpas pelo incómodo: é o que me parece dever dizer...

Salman Rushdie – Ora essa. Já está resolvido o problema, é o que importa. Boa tarde.

Directora do Serviço – Boa tarde, Sir Rushdie. [...]

### 3.

E não se esqueçam de Demócrito, Epicuro, Lucrécio, Cura Meslier, Stirner, Stendhal – deste hexágono de seis primeiros nomes na memória de... não-crentes! •





# Venúcifer

*Ziul Qayin Syer*

## § 1

A pedra límpida do umbro doma a testa do abismo

## § 2

Venúsio delta, a teta — tecto do inframundo— incandesce o prostitudo da Sombra

## § 3

A raiz decifra o Não, luar indesejante que da noite degreda o nigredo plenilúnio.

Áugure do silêncio ordoador das espadas ímpias o desejo irrompe do espelho, oráculo dos poros.

## § 4

Da alba vasta dos mares o par pasmante vaticina d'olvido seus tempestados amores

## § 5

do esmero cortante de eros e da Esmeralda, de serem círio único de g'elo, tecem-se kyrios na sua arte matutina: em urro argente.

No ordálio da profecia dos gritos

consume-se o conúbio; líquido o fogo boja as águas que fervem garras nos beijos infundados.

## § 5

No fio etéreo do seu cio de brilhar, brilha do luar de si o imo do sol: entre a imagem e a gema de seu bréu, desagua o mystério no caudal frescor do ventre nu de Vénus luciflor.

Fatal, no profanar que a todo o nascer degola — por que mais viva, mais sempre além da vida mera e da quimera vive viva.

## § 6

Preciso como o gelo, bisturi de atávico rigor qual lazúlico lápis das entranhas dos Antes, architecta cioso a vulva chacal de Lilith escorrendo seu escarro ártico qual morte sobreviva.

No plaino do jorro aceso que da testa finistremos pare a terra fecundase negra e o terror, calcinado, nasce dela.

## § 7

E a chama — carro de Nuit — sobre a sela gélida lúcida em lâmina lívida o

lado látego do negro fulgura em Babalon seu bestial cavalgar-nos: a que se lhe sagre a luxúria santa e promontore o leão da agápica vindicta:

A estela hiperbórea que a estrela da manhã designa é bruma é avesso do dia é Dia da Noite é filha da eterna umbra.

## § 8

Ininterrupto o cauto coito é raptado cravado no eixo magno da noite leda — entre o mando, sua monda e o parco mundo: répteis no peito do desejo (sejam os gémeos, lucívenus, do seu intento imparável),

vêm-se mútuos, margem a margem, inatos do nada em seu puro e sempre suspenso acto.

No dia mantino da limpidez indomável, o abismo no ourizante sigila, venucífere de Sombra e decifra o fogo umbro: o gelo do sempre mais de si cifrável... •





# Apostasia

*Júlio Mendes Rodrigo*



## Saint Julian

«*The idea of an incarnation of God is absurd: why should the human race think itself so superior to bees, ants, and elephants as to be put in this unique relation to its maker? . . . Christians are like a council of frogs in a marsh or a synod of worms on a dung-hill croaking and squeaking for our sakes was the world created.*»

## Flavius Claudius Iulianus

### Stigmata Diaboli

Ao contrário de muitos outros leitores, a minha introdução aos escritos de **Anton Szandor LaVey**, não se consumou através da leitura da obra incontornável que é, de facto, a *“Bíblia Satânica”*. Estávamos em meados da década de 1990, quando um amigo de infância me apresentou aquele, que, na altura, foi o admirável mundo novo da **Church of Satan**.

Adquirido em **Amesterdão**, por esse meu amigo, e por mim fotocopiado, *“The Devil’s Notebook”*, tornou-se livro de cabeceira até eu ter, finalmente, adquirido, anos mais tarde, numa pequena livraria de **Estocolmo**, a obra seminal de **LaVey**.

Foram as leituras destas obras, que me ajudaram a consolidar o meu posicionamento perante o **Reino da Quantidade** que caracteriza as ruínas sobre as quais assentam os pilares basilares deste **Mundo (pós) Moderno**. Leituras que me animaram durante os dias cinzentos da **Universidade**. Não que os escritos de **LaVey** contenham quaisquer tipos de panaceias para indivíduos de estirpe inquieta, ou mesmo, portadores da *bilis negra* que caracteriza o melancólico. No meu caso, em particular, permitiram-me consolidar e sistematizar todo um conjunto de preceitos e imperativos morais e éticos que, já na altura, nortearam a minha existência. Creio que uma das principais qualidades dos escritos de **LaVey** reside no facto de permitir que alguns indivíduos consigam estabelecer uma (re) ligação a si próprios, e à sua verdadeira essência, ao constatarem que existe uma minoria que sente e pensa a **Existência**, tal e qual como eles próprios.

*Religare*, não é essa a base etimológica da palavra religião? Creio que não existirá palavra que - pela ausência da aplicação do conceito que encerra

- melhor defina o mal do qual padece a **Humanidade**, nesta que é a **Era do Fragmento**.

*γνώθι σεαυτόν*, é o aforismo que se encontrava inscrito no **Templo de Apolo** em **Delfos**, mas que, ainda assim, volvidos milénios, tende a ser esquecido. Paradoxalmente, este mesmo aforismo, encontra-se na base de muito daquele que é considerado como “esoterismo de pacotilha” ou de “prateleira de supermercado”, para utilizar a terminologia empregue por um amigo que muito estimo.

O facto de levar uma vida dividida entre a introspecção do ser anti-social e as obrigações de cariz profissional contribuíram para a circunstância de só tardiamente ter tomado contacto com aquele que é o órgão oficial de expressão da **Associação Portuguesa de Satanismo**.

Leitor assíduo da *Infernus*, a partir do seu número **XVII**, o meu primeiro contributo para esta publicação intitulou-se *“GALLAECIA Entre as Brumas do Mito”*, e consistiu num texto escrito em colaboração com **José de Almeida**, publicado na *Infernus* **XIX**. Os restantes contributos, em nome próprio, iniciaram-se a partir do número **XXII** da revista, após convite efectuado por **Lurker**, e que muito me honrou.

Estes contributos tiveram o seu início no **Equinócio de Outono de 2011 e.v** e consistiram nos seguintes textos: *“C.G. Jung e as Coisas Vistas no Céu”*; *“Moon’s Milk”*; *“Theologia Theatrica: uma aproximação a Klossovski”*; *“Acheronta Movebo”*; *“Evento Violento Desconhecido”*; *“Nupta Cadavera: um prelúdio à putrefacção”*; *“Na Corte de Lúcifer”* e ainda *“Primo Posthuman: de artificialis natura”*.

Foi sempre com um enorme entusiasmo e sentido de obrigação para comigo mesmo, mas também para com os editores, bem como para com os leitores da *Infernus*, que ao longo destes

anos fui redigindo os textos supra elencados. A importância que atribuo a estes contributos é incomensurável, pois permitiu-me explorar e aprofundar algumas daquelas que constituem as minhas “pequenas obsessões”: refiro-me à vida e obra de **Carl - Gustav Jung**; à música dos **Coil**; à paz de espírito proporcionada pelo contemplar da **Lua**; ao génio exuberante de **Pierre Klossovski**; ao cinema de **Alfred Hitchcock**, espelhado na sua obra-prima que é *“Os Pássaros”*, ao *mysterium tremendum et fascinans* que é a **Morte**; ao maniqueísmo evidente na **Heresia Cá-tara** e ainda às temáticas circunscritas aos campos do **Tradicionalismo**, **Pós-humanismo** e **Tecnognosticismo** que, julgo, perpassam, de maneira mais ou menos evidente, os meus escritos.

Creio ainda que, de forma mais ou menos explícita, estes textos, a par de um quadro de actividades desenvolvido noutras esferas, espelham os meus posicionamentos e opções estéticas e ideológicas, reflectem a minha mundividência pessoal e, em última instância me caracterizam enquanto Indivíduo.

### Summum Malum

«*No dia em que perecer a eloquência, perecerá a Hellada e perecerá Roma! As pessoas transformar-se-hão em animais mudos e é exactamente para atingir esse fim que os pregadores cristãos empregam o seu bárbaro estylo.*»

**Lampridio** em *“A Morte dos Deuses, o romance de Juliano Apóstata”* de **Dmitry Merezhkovsky**

Foram publicadas, muito recentemente, em **Portugal**, duas obras, que, quase de certeza, irão passar ao lado de todos quantos não possuem um espírito inquieto. Na verdade, são dois livros que, no meu entendimento, deveriam ser de leitura “obrigatória” para todos aqueles que preferem um lugarzinho confortável na manada. Refiro-me a todos os que passam o tempo a falar da vida alheia, aqueles que não se emancipam da sua condição de espectadores e que *esbugalham* os olhos perante qualquer manifestação desportiva ou *reality-show*. A todos quantos se deleitam em visionar, ou então, em participar, em espectáculos degradantes, como *“Quem Quer Ser Otário”*, ou as *“Tardes da Júlia Dinheiro”* (Lamento, mas foi-me impossível resistir ao trocadilho). Mas, refiro-me, também, aos ex-ministros deste país que apesar de mentirem acerca das suas habilitações académicas, acabam homenageados pela **Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro** (*Expresso online*, 12/09/13).





*“Este Estado, pejado de agentes que actuam sempre em interesse próprio, ou então da máquina sustentadora (leia-se Partido), assim como dos seus pares, torna-se um mecanismo potenciador e promotor da banalização do Mal...”*

Em suma, faço alusão, obviamente, a todos Zés e Marias Ninguém, magistralmente retratados por **Wilhem Reich**, o mesmo que nos deu a conhecer a sua teoria acerca do *Orgone*, e pela qual expiou os seus “pecados”.

As duas obras em questão, “*Nova Teoria do Mal*” (2012) e “*Nova Teoria da Felicidade*” (2013), são da autoria de **Miguel Real**, pseudónimo literário de **Luís Martins**. O autor foi galardoado em 2006, com o **Prémio Literário Fernando Namora** através do seu romance “*A Voz da Terra*”. Escritor, ensaísta e professor de filosofia, exerce também o papel de radialista na **Antena 2**, mais concretamente, no programa *Um Certo Olhar*.

Acerca desta duas obras de **Miguel Real**, tentarei não pronunciar nenhum rasgado elogio, nem nenhuma crítica negativa, esperando desta forma lacónica, não ser incluído na categoria daqueles que o autor considera acéfalos, nem sequer na categoria daqueles que o autor considera estarem imbuídos de má-fé. Diatribes aparte, atentemos, ainda que brevemente, nas obras em questão.

Na apresentação da “*Nova Teoria da Felicidade*”, o autor enfatiza, de forma contundente, a sua opinião já anteriormente referida na “*Nova Teoria do Mal*”, sobre a classe política que (des)governa **Portugal**. Elencarei de seguida algumas das suas opiniões, acerca desta *matilha*, (esta qualificação é apenas da minha responsabilidade), pelo facto de estar em acordo com as mesmas.

**Miguel Real** critica a existência de uma classe política culturalmente ignorante (como se evidencia através da anulação de feriados históricos) e socialmente oportunista (ocupação de cargos por apropriação carreirista sem mérito próprio). Em linhas gerais, o autor descreve um *modus operandi*, que se vê quotidianamente justificado, legitimado e reforçado, pela sensação de total impunidade vigente. Não esqueçamos que a incompetência e a desonestidade, ao que parece, acabam por compensar. Pelo menos em terras lusas. Assim, ainda de acordo com o autor em causa, “*O Estado português é, desde os primeiros anos do nosso século, uma máquina implacável e aterrorizante da generalização da infelicidade, individual e colectiva.*” Generalização da infelicidade individual, com certeza que sim, pois já a senti na pele. Colectiva? Tenho as minhas dúvidas, uma vez que nunca deixo de me surpreender pelo “nacionaleirismo” hiperbolizado, constatável nos esgares da turba, sempre que se verifica qualquer even-

to futebolístico de cariz internacional. Ou seja, a mesma pobreza de espírito que justifica e simultaneamente ilustra os cartazes de propaganda política que poluem o território. Paupérrima imitação de um 1984 Orwelliano. Nesse, ao menos, transparece algum *glamour*.

Este **Estado**, pejado de agentes que actuam sempre em interesse próprio, ou então da máquina sustentadora (leia-se **Partido**), assim como dos seus pares, torna-se um mecanismo potenciador e promotor da banalização do **Mal**, na acepção cunhada por **Hannah Arendt**. Banalização, que ocorre num **Estado** dito laico, mas em que, todos nós o sabemos, a **Igreja Católica** ocupa um lugar de privilégio. Inaudito é o exemplo da colocação de **Professores de Religião Moral e Católica** nas **Escolas Públicas**. Não obstante, os concursos e respectivas nomeações serem da responsabilidade das autoridades diocesanas, os seus honorários são tributados ao **Estado**. (Remeto o leitor interessado neste ponto, para a consulta do Decreto-Lei n.º 70/2013 de 23 de Maio.)



Fig. 2 Unknown author



Escrevi, uma vez, no meu blogue pessoal, um conjunto de reflexões acerca da impunidade da **Igreja Católica**, perante os crimes, mais recentes, que lhe são atribuídos. Neste conjunto de reflexões, de forma mais ou menos implícita, estava uma crítica à *afinidade electiva* existente entre aqueles que exercem o poder temporal e os que exercem o poder “espiritual”. Recordo agora algumas dessas reflexões: No site do jornal “*Público*” no dia **12 de Abril 2010**, lia-se o seguinte, “*Igreja Belga não deu seguimento a 300 denúncias de pedofilia*”. Ora bem, se já estávamos esclarecidos acerca da “*Vida Sexual dos Belgas*” através do olhar fornecido pelo realizador **Jan Bucquoy**, e depois das sórdidas revelações da rede pedófila instituída em território flamengo nos anos de **1990**, já não ficamos surpreendidos com a denúncia feita pelo padre **Rick Devillé**. Entre **1992** e **1998**, foram apresentadas mais de **300** queixas de abusos cometidos por padres, pelo grupo de trabalho, “*Direitos Humanos na Igreja*”. De acordo com afirmações prestadas pelo referido clérigo aos jornais “*De Standaard*” e “*Het Nieuwsblad*”, das três centenas apenas **15** tiveram sequência, “*Os padres postos em causa mais vezes foram transferidos, mas nunca houve sanções*”, refere o mesmo, adiantando ainda que muitas das vezes foi dito às vítimas que os crimes tinham prescrito. Ao que parece o porta-voz da **Conferência dos Bispos Católicos na Bélgica**, **Eric De Beukelaer** terá, finalmente, decidido propor uma comissão de inquérito sobre a forma como a **Igreja** tratou no passado os casos de pedofilia.

Depois de séculos, de permanente preocupação por parte da **Igreja** em defender a **Humanidade** das **Forças do Mal** representadas por bruxas, pagãos e satânicos, entre outras entidades, e sendo que, tais actos, perpetrados contra vítimas inocentes seriam expectáveis por parte de “monstros” e “celerados” como **Gilles de Rais**, **Madame Bathory**, **Charles Manson**, **G.P - Orridge**, **A.S. LaVey**, do próprio **Marylin** ou mesmo do falecido **ex Jackson Five** - apenas para citar alguns - não consigo deixar de me interrogar do porquê de tais acusações dirigidas contra os emissários da **Paz** e **Concórdia** entre os **Homens...** (Também aqui não consegui resistir a um tom levemente irónico).

À guisa de reflexão em torno desta miséria física e moral (*Paidos e Erastes*), ou seja as práticas eróticas com crianças na acepção sugerida pelo **Sr. Álvaro Maia**, aquando da redacção do seu texto “*Literatura de Sodoma: O*

*Sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal*” (1923) não resisto a sugerir a audição do álbum *Industrial/ Power Electronics/ Noise*, dos **Grey Wolves** intitulado “*Catholic Priests Fuck Children*”.

Aliados, os dois poderes, o temporal e o espiritual, justificam e promovem a banalização do **Mal**!

### Religio Illicita

«37. Voici de leurs maximes: “*Loin d’ici, tout homme qui possède quelque culture, quelque sagesse ou quelque jugement; ce sont des mauvaises recommandations à nous yeux: mais quelqu’un est il un ignorant, borné, inculte est simple d’esprit, qu’il vienne à nous hardiment!* »

**Celse** “*Discours Vrai Contre les Chrétiens*”

O desaparecimento dos deuses da Antiguidade, tão bem retratados no domínio da ficção através das obras de **Dmitry Merezhkovsky** e de **Gore Vidal**, levou a um dos episódios mais tristes da História da Humanidade, ou seja, ao triunfo da Fé do **nazareno**.

Seguindo ainda **Miguel Real**, através da obra anteriormente citada, as concepções humanas reduzem a quatro as faces primitivas do **Mal**: a *perda*, a *dor física*, o *sofrimento psíquico* e a *escassez de bens*.

Curiosamente nascem civilizações, bem como culturas e religiões, em locais onde dominam estas facetas primitivas do **Mal**. Do deserto e da penúria emergem **Assíria**, **Babilónia**, **Pérsia**, **Judeia** e **Egipto**. Daí nasce também o cristianismo que, espalhando-se através das metrópoles mediterrânicas, se assenhora do poder político. É um deus perverso, este, que se expandiu através do **Mediterrâneo**, da **Europa** e posteriormente, a todo o planeta, através da **Expansão Marítima**. Esta divindade acrescentou duas novas faces às antigas quatro faces do **Mal**: o *corpo* (a carne) e o *mundo*. Locais onde passa a reinar o **Diabo** apresentado de forma inequívoca como o deus do **Mal**.

Por uma questão de economia de espaço, bem como pelo facto da relação entre o **Mal** e a divindade cristã se encontrar explanada de forma superior na obra de **Miguel Real**, elencarei apenas os motivos que corroboram como o cristianismo foi um retrocesso civilizacional face à **Civilização Greco-Romana**, constituindo uma desvalorização: da riqueza material em troca do elogio da pobreza; da sabedoria em troca do culto da ignorância, do espírito de convívio (*ágora*, *fórum*) em troca



**“Depois de séculos,  
de permanente preocupação por parte da  
Igreja em defender  
a Humanidade das  
Forças do Mal representadas por bruxas,  
pagãos e satânicos,  
entre outras entidades”**



do espírito de suspeita; do espírito de curiosidade e investigação em troca do espírito de medo; da liberdade animal do corpo em troca de uma mentalidade de vergonha e de pudor.

### Sol Invictus

O Imperador **Juliano** (**Constantinopla**, **331 - Maranga**, actual **Samarra**, **23 de Junho de 363**) cognominado de **Apóstata** foi o último imperador pagão do mundo romano. Dele ainda se desprende um fascínio romântico, reflectido nas obras de diversos autores, tais como, – para além dos já anteriormente citados no decurso deste texto – **Henrik Ibsen** ou mesmo **Lourenço de Médicis**, que lhe dedicaram duas das suas peças teatrais. Personagem subterrânea e tutelar, **Juliano**, ilustra o inconformismo perante o triunfo da religião do **nazareno**, que se manifestou através do reavivar dos antigos cultos pagãos, destacando-se o de **Mitra**.

**Ernest Renan**, escreveu uma vez o seguinte: “*If Christianity had succumbed to some deadly ‘disease’, the world would have become Mithracized.*” Ou seja, em vez do **nazareno** o mundo adoraria uma *divindade solar*, representada através do **Mitra Tauróctono**. Em consonância com filósofo italiano **Julius Evola**, tenho as minhas dúvidas. Para que tal tivesse acontecido teria sido necessário que o **Mitraísmo** tivesse adoptado uma componente exotérica de forma a atrair a população. Nunca esta estaria em condições de aderir a uma *religião de mistério*, que tem as suas origens no **Mazdeísmo** persa.

**Celso**, no seu “*Discurso Verdadeiro Contra os Cristãos*”, enfatiza o facto de





Fig. 4 Mammon and its Slave by Sasha SleiderThe

que, apenas os néscio e os “pobres de espírito”, são dignos do deus **nazareno**: “...en reconnaissant que tels hommes sont dignes de leur dieu, ils montrent bien qu'ils ne veulent et ne savent gagner que les niais, les âmes viles et imbéciles, des esclaves, de pauvres femmes et des enfants.” Pergunta ainda de seguida o filósofo: “Quel mal y a-t-il donc à avoir l'esprit cultivé, à aimer les belles connaissances, à être sage et à passer pour tel?”.

Nenhum mal, atrevo-me a responder. Excepto para os sequazes do **nazareno** - que como ficou bem evidenciado através das páginas sangrentas que escreveram, ao longo de séculos - privilegiam o temor e o terror, aliados a uma política de controlo das liberdades pessoais, em prol de um deus obsoleto e obsoleto.

A multiplicidade do culto dos deuses na **Antiguidade Clássica** constitui uma das mais belas páginas nesse capítulo da **História da Humanidade**, que é o da **Religião**. Urge esquecer o cadáver moribundo do cristianismo e inaugurar um novo capítulo que instaure a fase adulta da **Humanidade**. Os passos iniciais já foram dados por homens de excepção como, **Aleister Crowley** ou **LaVey**. Cumpre agora, a todos que possuem esta inquietude e sentem este mal-estar provocado pela iniquidade cristã, fazer a pergunta “Comment peut-on être païen?”

**Alain de Benoist**, em 1981, deu-nos parte da resposta, ao propor-nos que atentássemos, de novo, no legado da **Antiguidade Clássica**. Quiçá, apenas um neopaganismo consiga proceder á hipostasiação do **Mal**, recolocando a **Humanidade** em sintonia com a **Natureza**, e em última instância consi-

go própria.

Partindo da premissa de que a **História** é símbolo e mito, subscrevo na íntegra a opinião de **Julius Evola**, quando este enfatiza a possibilidade da dramatização e repetição rítmica, ocorrida através de certos factos ou personagens históricos, e que contém de forma intrínseca à sua essência, estruturas e símbolos supra-históricos.

Estes factos, ou personagens, assumem, desta forma, uma ambivalência que lhes outorga a qualidade de pertencerem simultaneamente a tempos distintos. Conttenham eles uma carga histórica ou simbólica, podem ser transportados e recontextualizados através de diferentes períodos temporais. De forma que, a **Humanidade**, tome contacto com as lendas que compõem um substrato comum a uma certa unidade mítica transcendental. Neste manancial mítico e lendário encontramos certos personagens que são transportados, à margem de uma perspectiva histórica mais positivista, para o domínio do “invisível” mas “nunca mortos”, e que hão-de levantar-se ou manifestar-se um dia, após um certo tempo de obscuridade. Como nos refere **António Carlos Carvalho** no prefácio à obra “*História Secreta de Portugal*” de **António Telmo**: “...são os casos bem conhecidos de Alexandre o Grande, do Rei Artur, do imperador Frederico, e até do nosso D. Sebastião, todos eles encarnações do mesmo tema.”. A estes, eu adiciono a figura de **Juliano Apóstata**, que de acordo com o que pensavam os **Gaulenses**, vive debaixo de uma montanha.

**Sathanas, Triumphantor!**

Foi, sempre, alicerçado nas linhas

de pensamento anteriormente expostas, pelas quais se regem as minhas convicções, que tentei contribuir para o esforço colectivo que constituiu a *Infernus*.

Nesta publicação, que os seus editores agora dão por extinta, tive a honra e o privilégio de partilhar páginas com mentes inquietas que são apenas apanágio de indivíduos de excepção. Alguns, que eu já conhecia pessoalmente, outros que entretanto tive a sorte de conhecer no decurso destes dois anos de colaboração. Entre eles destaco os nomes de **Lurker**, **Gilberto de Lascariz**, **Melusine de Mattos**, **gmr.**, **Flávio Gonçalves**, **Bruno Resende** e **Fátima Vale**. Outros ainda, que eu não conheço pessoalmente, mas cuja prosa fui seguindo sempre com grande interesse. São eles, **Mosath**, **Aires Ferreira**, **David Soares** e **Charles Sangnoir**.

Uma nota de agradecimento final é dirigida ao **Lurker** e demais elementos da **Associação Portuguesa de Satanismo** por terem concebido e realizado este projecto editorial que agora finda as suas actividades.

Foi para mim uma enorme honra ter feito parte do mesmo! •

## Bibliografia

**CELSE** – *Contre Les Chrétiens*. Utrecht: Jean-Jacques Pauvert, 1965.

**EVOLA**, Julius – *The Path of Enlightenment in the Mithraic Mysteries*. Edmonds: The Alexandrian Press, S/D.

**JULIEN** – *Oeuvres Complètes*. Paris: Henri Plon, Libraire - Editeur, 1863.

**LAVEY**, Anton Szandor – *A Bíblia Satânica*. Parede: Edições Saída de Emergência, 2010.

**LAVEY**, Anton Szandor – *The Devil's Notebook*. San Francisco: Feral House, 1992.

**MERZHKOVSKY**, Dmitry Sergeyevich – *A MORTE DOS DEUSES, O Romance de Juliano Apostata*. Porto: Livraria Moreira – Editora, 1901.

**PAIVA**, Almeida – *O MITRAÍSMO, Notas Históricas e Críticas Sobre o Cristo e o Cristo Judeu*. Porto: Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, 1916.

**REAL**, Miguel – *Nova Teoria da Felicidade*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2013.

**REAL**, Miguel – *Nova Teoria do Mal*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2012.

**REICH**, Wilhem – *Escuta, Zé Ninguém*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978

**VIDAL**, Gore – *Juliano*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.



# Final

*Luísa Demétrio Raposo*

Tomei conhecimento pela primeira vez da revista *Infernus* através de amigos comuns, e da primeira vez que li os seus conteúdos senti de imediato um lúcido campo fértil. A *Infernus* é uma revista que primou sempre pela devastação sulfurosa. Muita qualidade não só na apresentação criteriosa mas principalmente na escolha dos autores, qualidade e raridade dos seus textos foi até ao último número uma alagada combustão, tanto pela originalidade como pelo avassalar pontuado a cada leitura. Durante algum tempo fui somente leitora, até que um dia o convite surgiu para também a minha escrita calcinar entre as páginas da *Infernus*.

Na altura fiquei muito lisonjeada porque extasiar a minha “carne” entre o sangue profícuo que nas suas compactas páginas irradiavam fogo e falas, buracos, tecidos vivos, línguas em torno das mãos, frases em falas, artérias, derrames, demências, carnes em crepitação, o âmago que jamais repousará nas leituras elevando a atmosfera do leitor ao oculto pulsar da arte, na vertigem, uma orgia infernal que esmaga e nos arrebatada de dentro das suas metáforas defendendo sempre o êxtase, as voragens maduras, o centro por atrás dos textos.

Foi um grande sobressalto, pois foi a primeira revista em Portugal a con-

vidar-me a publicar os meus textos. E pela primeira vez a insónia pariu tensão e um troço cravado, porque se as leituras despertam os raios, o facto de poder partilhar encheu-me o ventre, a vagina e o tesão até à mais madura das inspirações e pode assim multiplicar os cotovelos unidos às palavras, no devorar dos verbos, das potencia às metáforas que escorrem sempre em grande correria pela de mente boca inchada.

A revista *Infernus* é uma exaltante braçada madura, inquieta, estremecendo o circuito desordenado na literatura do nosso país. •





# O que foste e o que sempre serás

*Lupum*



*Este podia ser o mote de uma qualquer relação entre amantes, entre aquilo que me propunha a jurar num qualquer dia apetecível de um abanar frontal de uma passada...*

Não!

Mas não! Não! Talvez? A relação entre mim e a Infernus sempre foi uma orgia de palavras que se encontravam em todos os pedaços de tinta que iam dando vida a devaneios pessoais. Iam os meus olhos ao encontro, também, de outros devaneios. De sonhos, de pesadelos, de arte... Pois foi isso que se foi fazendo ao longo destes anos: ARTE!

A arte nunca é de todos, nunca é de ninguém. A Infernus é minha e é tua... É de quem a lê e se revê nas linhas, nos contornos de mim e de ti! São momentos de revelação em que a nostalgia de um passado insiste em bater à porta de ti, de mim, de nós... Daqueles que a lêem e que derramam mais um trago daquela colheita que adocica as papilas gustativas... Que saboreiam por entre os lábios o toque de cada sentido. Baixa-se a guarda e saúdam-se todos os demónios expulsos.

Momento de reflexão! Resquícios de noites bem passadas...

Se sinto tristeza nestes dias finais, recordados para todo o sempre? Não é tristeza. Como posso sentir-me triste quando sei que é um caminho traçado a qualquer ser... Nasce, vive, morre! Este sou eu, este és tu, este somos nós! A Infernus foi um projecto que se alimentou e que alimentou mais um pouco da outra vida: a nossa! É tempo de seguir em frente e abraçar outros projectos, outros sonhos. A Infernus foi mesmo isso, um sonho tornado realidade. Foi com um gozo enorme que assisti à constante (r)evolução da sua existência. Sempre fonte de enorme deleite, sempre crítica aos momentos, aos tempos. Sobreviverá na memória de cada um o nome dado pelos seus criadores. Sinto-me um afortunado por ter sido uma parte criativa da sua vida.

Brindo agora, de copo erguido a ti, Infernus!

Vira-se a página, percorre-se mais um caminho de distâncias alheias a tudo e a todos. Vamos entrar nesse novo mundo, nessa nova e estranha forma de viver as sensações. Hoje é um novo dia! Hoje não é o fim, é o início de mais uma etapa! Vencer? Sempre!

Hoje não me quero alongar pois há

coisas que não são transmitidas através da leitura! Hoje sinto-me assim...

“«Branco morto»”

“«Branco Vivo»”

“«Suspiro»”

“«Alucinação presente na ausência»”

“«Cansado – Renovado – Sóbrio – Ébrio»”

Rasgo um pedaço de tempo e escrevo uma última vez... É a cultura do desassossego, da inquietação. Não deixo de me rever em textos, em imagens, em sonhos e formas cultivadas na Infernus.

É-me tudo isso e mais... E menos... A Infernus é um constante de alertas, de conselhos e de virtudes por explorar...

É para ser vivida e apreciada. Uma revista que explora o melhor e o pior do ser humano.

Explora o hedonismo... “Dos fraccos não reza a história”, certo? Será assim tão... Certo?

Todos têm o seu papel... A Infernus é uma contestação dos fortes e é também uma constatação de que somos humanos!

A Infernus foi o meu escape de horas bem passadas, de copo cheio e vazio... A Infernus é o meu manifesto...

“Uma geração que consente deixar-se representar por um Dantas é uma geração que nunca o foi. É um coio d’indigentes, d’indignos e de cegos! É uma resma de charlatães e de vendidos, e só pode parir abaixo de zero!”

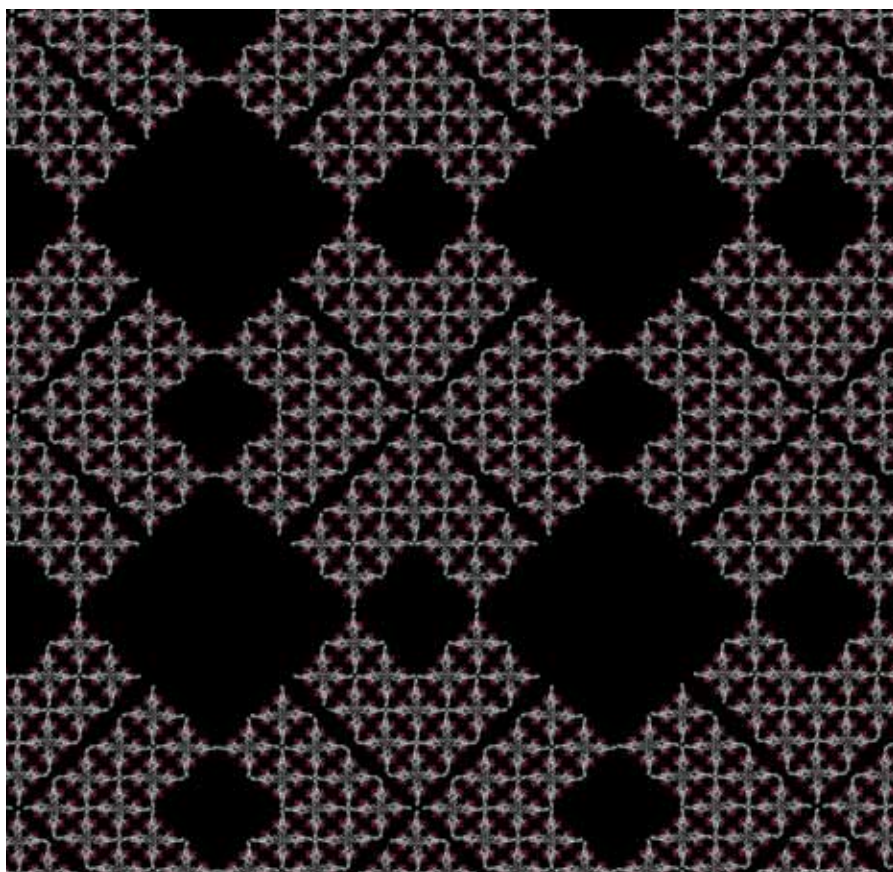
Manifesto Anti-Dantas – Almada Negreiros

Somos humanos... Não somos cor-deiros... Esta é a Infernus de sempre!

Brindo novamente...

Calo-me agora e deixo a porta aberta... O último a sair que a feche... Mas que saia de cabeça erguida e com a revista nos seus olhos!

Saio... •







# E depois do adeus

*Metzli*

*Não perguntem. A sério. Por um motivo que eu desconheço, no final de cada etapa, é sempre nesta música que eu penso e fico a trau-tear durante uns tempos a melodia.*

Penso que a música encerra em si tudo o que está associado à despedida: a tradicional tristeza associada a um final de ciclo e a alegria de tudo o que ficou dele.

Aceito que outros discordem de mim e não reconheçam a parte alegre da música. Outros, se calhar menos, não lhe reconhecerão a tristeza. Eu vejo ambas. E ao recordar que havia uma *Infernus* para preparar, voltou a música à memória. Por tudo, ganhando agora um outro significado, que será somado a todos os outros já antes

adquiridos no decorrer da minha vida.

Ao longo de todo este tempo muito se fez e muito se deu o direito de fazer. Lembro-me, como se tivesse sido ontem, de estar sentada nos degraus do Mc Donalds do Imperial (para quem não é do Porto, no final da Avenida dos Aliados) e de na minha direção ter vindo um casal desconhecido, vestido de preto. Depois dessa tarde de conversa animada, vieram muitos números da *Infernus*, vieram muitos textos que li e reli inúmeras vezes.

Sinto-me honrada de ser uma das

pessoas que teve a oportunidade de ler o conteúdo antes dos demais. De rir sozinha, porque para mim todo o processo associado à *Infernus* sempre foi para ser vivido em solidão e desejar partilhar logo as frases que mais me marcavam, de responder quando não concordava. Afinal, a magia de tudo isto que fomos fazendo era cada um dizer aquilo que achava, sem termos de concordar com tudo, e, ainda assim, continuarmos no âmbito do Satanismo. Isso ninguém nos poderá algum dia tirar.

Sinto-me igualmente honrada de ter tido a possibilidade de ter contribuído também com algumas palavras e emoções, sim, porque isto de se escrever sobre temas que nos dizem muito desperta sempre emoções que vão além daquilo que escrevemos. De ter tido a possibilidade de ter espaço para as palavras que me apeteciam, em número e em género. E até de ainda as



acompanhar com imagens recolhidas por mim.

Sinto-me orgulhosa de ter participado em alguns reuniões que se fizeram. Vocês lembram-se daquela reunião no Vício do Café, em que conheci o Bruno Miguel Resende e em que se falou de S. João e sardinhas e de tantas outras coisas que eu não percebi? Acho que daqui para a frente vai passar muito por este trilho: “Vocês lembram-se...?”.

Vocês lembram-se de que marcávamos uma hora e nunca estávamos lá todos a horas? Foi mais ou menos o que se foi passando com os números da *Infernus*. Às vezes marcávamos datas para isto e para aquilo e quase nunca se respeitavam todas. E a verdade é que os números saíram sempre. Eu lembro-me de me irritar profundamente por não ter os textos todos para rever na data agendada e de dizer, da boca para fora, como se costuma dizer, que “*agora não quero saber. Não vou rever nada.*”

E claro que as datas de entrega dos textos revistos nem sempre foram cumpridas. E depois recebia os e-mails do Mosath a dizer “*Então? Isso vem quando?*”, “*Então? Vem ou não vem?*”, sempre tão delicado no trato como lhe é característico, mesmo quando eu abusava da sorte. Vocês também ficavam irritados comigo? Se não, deviam ter ficado! Estas coisas não se fazem.

E da primeira *Infernus*? Vocês lembram-se? Eu tenho, claro está, uma visão muito diferente, porque ainda não estava no projecto. Lembro-me de ter encontrado o site da APS antes de existir uma *Infernus* já publicada, mas já anunciada. E lembro-me de ter ficado ansiosa para que ela chegasse. Quando chegou, apesar de toda a sua simplicidade, senti que foi importante.

Foi importante para mim, que descobri o Satanismo há pouco e ainda não me tinha descoberto a mim enquanto pessoa. E foi importante, porque permitiu a evolução a partir de algo já criado. Como bons Satanistas (será que há maus Satanistas?) que somos, nunca ficámos parados e ousámos ir sempre um passo mais além.

A *Infernus* foi uma constante no processo de descoberta de mim própria, por ter estado sempre presente, estivesse eu em que posição estivesse em relação a ela. É aqui que entra a primeira parte da música, comigo a procurar por mim e tentando encontrar-me no meio de algo onde havia já grande pessoas. Devo confessar que sempre olhei para os Administradores da APS, para os que conheço, como olharia o crocodilo para o T-Rex, se

tal fosse possível. Penso que posso dizer que me encontrei. Ou será que me construí? Ou terá sido ambos? Foram quantos anos?

A primeira *Infernus* já viu a luz do dia há 7 anos. A sério que foi assim há tanto tempo? E não deixa de ser curioso que, uma vez, uma amiga minha, testemunha de Jeová, me ter dito que o número 7 representava a perfeição. Pelo menos, em relação à *Infernus* ela estava certa. Também não deixa de ser curioso que terminemos na terceira dezena dada a simbologia do número 3...

Um dos conteúdos que mais me marcou foi o *O Poder da Estupidez*, publicado no número II, III e IV, que ainda hoje lembro tantas vezes no dia-a-dia. E foram tantos outros que nem vou enumerar, porque ia acabar por me esquecer de algum e seria injusta.

Vocês lembram-se de todas aquelas vezes que nos reuníamos e se dizia que havia textos “a mais”? Não que fossem a mais por não haver lugar para eles, mas porque realmente todas as pessoas sentiam que a *Infernus* era uma coisa importante e grandiosa e valia a pena investir nela e produzir para ela.

A verdade é que, até ao último momento, esse continuou a ser o sentimento dentro de mim e tenho a certeza que partilhado pelos restantes. O sentimento que nos fez encontrar sempre tempo, o bem mais precioso da era em que vivemos. Não o tempo que tínhamos apontado nas agendas, mas o tempo necessário para fazermos valer a pena (nota mental: apontar datas com duas semanas de antecedência da realmente desejada!).

Vocês lembram-se da Antologia? E de tudo o que veio trazer de novo? É das poucas obras que mantemos orgulhosamente na sala lá de casa, ao lado da Bíblia Satânica, porque é aí o seu lugar por direito. Vocês lembram-se do dia 1 de Janeiro, depois das inundações do dia anterior, em que todos recebemos o terceiro volume, depois do ser “*parto difícil*”? E já sabes, King Chaos, se nos separarmos, as Antologias ficam comigo!

E de todos os outros momentos que partilhámos directa ou indirectamente ligados à *Infernus*? Todos os momentos de convívio na Rota do Chá, no já referido Vício do Café... lembram-se do jantar no Assador Típico de Gaia, com música ao vivo? Será que todos esses momentos teriam existido sem ter existido a *Infernus*? Eu penso que não, mas sei que vão continuar depois desta.

E tal como a música que não me sai da cabeça, que foi escolhida (de modo

aleatório?) para preparar os soldados para a revolução das revoluções portuguesas e que nos representou lá fora, também a *Infernus* cumpriu vários papéis. Também a *Infernus* marcou Portugal no mapa do Satanismo (se não existir nenhum mapa do Satanismo, sugiro que façamos um), destacando-se por tudo o que de novo e de qualidade trouxe ao mundo. Também a *Infernus* serviu certamente de mote a revoluções, se não mais, pelo menos interiores.

Nem que tivesse sido apenas uma revolução. Nem que tivesse tido apenas um leitor. Tudo teria valido a pena da mesma forma. Tal como diz Fernando Pessoa e muitos portugueses que nem sequer sabem do que falam, “*tudo vale a pena se a alma não é pequena*”. Bem, a julgar pelos resultados, não só a alma não é pequena como não é fraca, não se deixa subjugar, não se engana com miragens douradas e promessas vãs e nem se vende a sonhos ilusórios.

Agora que já muito escrevi e muito pouco disse, resta-me dizer algo. No geral, sinto que todos sempre escrevemos muito para fora. Para fora de nós e para fora do círculo que compunha os colaboradores da *Infernus*. Como é típico nos finais, apetece-me falar para dentro, caso ainda não tenham notado. Para mim e para vós. Resta-me assim dizer-vos, a vocês que se lembram e que tantas outras vezes me vão ouvir dizer-vos “*Vocês lembram-se...?*”, todas aquelas coisas que se dizem neste momentos.

Imaginem que vos disse que foi uma honra e um orgulho poder ter participado neste projecto com vocês, ao vosso lado, na vossa ausência física, porque a vida assim não quis e em todas as vossas palavras e contributos. Imaginem que eu vos disse que, apesar de todas as pessoas que recebem a *Infernus* poderem sentir que era por elas que fazíamos tudo isto, eu o fazia por nós.

E tenham a certeza que vai ficar um espacinho, por mais coisas que se façam, por mais dias que passem, no meu ser onde irão estar todos os números da *Infernus* e ainda um vazio gelado, por todas as coisas que podiam ter sido feitas e não foram. Não seria o final de um ciclo, se a alegria e o orgulho não se misturassem com a tristeza, ao som de um *Verdes Anos* (quem sabe?) ao bom estilo nacional.

*Em silêncio, amor  
Em tristeza e fim  
Eu te sinto, em flor  
Eu te sofro, em mim  
Eu te lembro, assim •*



A photograph of a narrow dirt path winding through a dense forest. The path is covered in fallen leaves and small plants. The trees are tall and their branches are covered in green foliage. Sunlight filters through the canopy, creating a hazy, ethereal atmosphere. The overall color palette is dominated by greens and browns, with a soft, golden light from the sun.

# O lugar do Verbo

*José Macedo Silva*



contra ventos e marés, morais e utilitarismos mediócrs, menores, porque o mundo humano é um mundo organizado através de normas, interditos, e valores cujo objectivo é travar a natureza instintiva de cada um, implícita no homo sapiens, cheio de necessidades, impulsos, um complexo social e cultural. Apesar da sua fragilidade o Homem tem a consciência de si, tem a razão, o que lhe permite ultrapassar sem mácula as suas fragilidades e debilidades de toda a espécie e ordem, se adaptando e transformando o próprio meio circundante, envolvente, o humanizando.

Assim, tem, a meu ver, conseguido a Infernus, bem como a APS, uma verdadeira dimensão antropocêntrica, humanista, permitindo que nós e outros se desenvolvam no limiar das normas, das regras tantas vezes castradoras do pensamento, da vida, mantendo com fidelidade o sagrado lugar do verbo.

Espero, com sinceridade, a realização toda e a felicidade do mundo a todos os satanistas, nomeadamente àqueles que activamente lograram na perseguição destes objectivos. Para todos, um bem haja, não um até sempre, mas sim até um qualquer dia, com a esperança redobrada de que atrás de onda, onda vem. Como dizia Dawkins: "Vamos morrer e por isso somos nós os bafejados pela sorte. A maior parte das pessoas nunca vai morrer, porque nunca vai chegar a nascer. As potenciais pessoas que poderiam ter estado aqui em meu lugar, mas que na verdade nunca verão a luz do dia, excedem em número os grãos de areia do deserto do Sara. Seguramente que nesses fantasmas que não vão chegar a nascer se incluem poetas maiores do que Keats e maiores cientistas do que Newton. Sabemos isto porque o conjunto de pessoas potenciais permitido pelo nosso ADN é esmagadoramente superior ao conjunto de pessoas com existência efectiva. Não obstante esta ínfima probabilidade, sou eu, somos nós, que, na nossa vulgaridade aqui estamos..." que eu remato com um sincero sejam felizes.

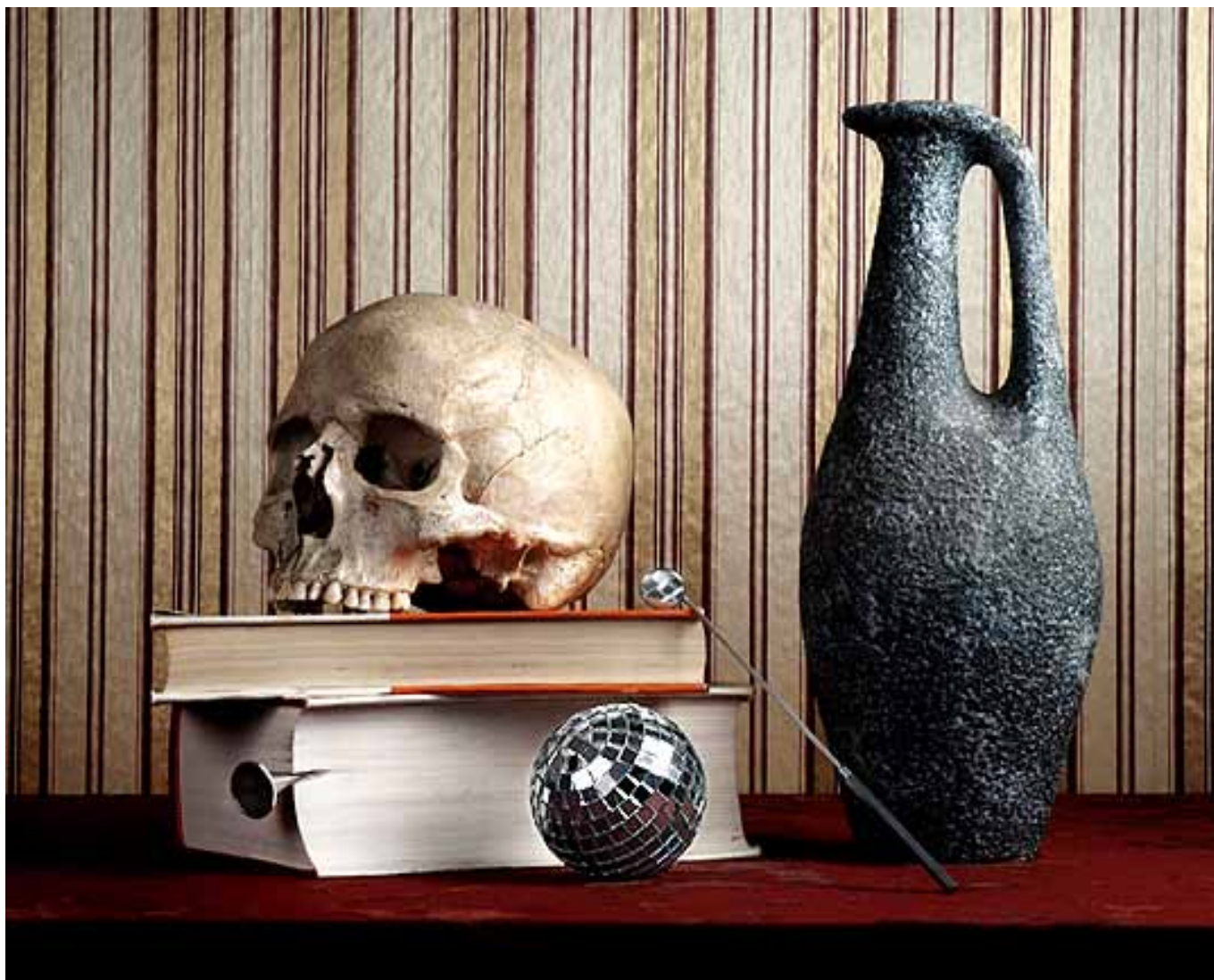
Desculpem-me pelas poucas palavras e curto artigo. O momento é solene, e impossível, na óptica deste modesto homo sapiens sapiens, desenvolver. Fica, para já, o silêncio e o sentido de dever cumprido. Regresso a sombras que me viram nascer. Provem a vida, e sejam felizes, é o meu suspiro, novamente. •

O Mosath não me conhecia de lado algum. Encontrámo-nos por ironia do destino numa rede social. Do mesmo lera a sua primeira viagem pelo mundo literário, Eviscerar Mistérios, obra maior na língua de Camões, abafada até hoje pelo mercantilismo moderno, pela globalização desregulada, pelo capital. Sinto, como ele, Mosath, e tantos outros livres-pensadores, eruditos das sombras, o facto de não ser um "bem nascido", não ter um apelido dourado, nem país e família mediáticos. Assim, suponho, que, a Infernus sofra do mesmo mal, tão comum em país católico e conservador; ser-se diferente, alternativo, e, como o filme: "Este país não é para velhos", aqui, em Portugal: "Este país é só para ordinários."

Mas, como, e porque aceitara o convite, apesar de não ser um satanista por "natureza", e de LaVey conhecia apenas o que a Internet me fornecia. Para isso, ajudou em muito a leitura da Bíblia Satânica, editada no velho rectângulo na cumplicidade de duas editoras, a HellOutro Enterprises e a Saída de Emergência, e, tendo como deuses literários Bukowski e Kerouac não me fora difícil encontrar o elo de ligação entre o satanismo da publicação on-line (Infernus) e eu mesmo, uma vez que, sem o saberem, ou, o sabendo, Charles e Jack não o reconheceram; tinham em si muito do satanismo, a começar, no livre pensamento e coragem de cada um, no meio da corrente

*Passaram três anos desde que Mosath me interpelara a participar na revista Infernus, órgão de comunicação social da Associação Portuguesa de Satanismo, o que imediatamente anuí.*





# Ode Infernal

*Naive*

## Parte 1 (2010)

A certa altura de uma das biografias de Fernando Pessoa, da autoria de Paulo Marques, lê-se o seguinte: “Projecto inovador que se concretiza na publicação da revista, que terá o mesmo nome do movimento: Orpheu. É financiada pelo pai de Mário de Sá-Carneiro, e o primeiro número sairá em Abril de 1915, gerando grande escândalo e polémica pela ousadia do vanguardismo dos textos que nela se reuniram, nomeadamente pelo poema 16 de Mário de Sá-Carneiro e pela Ode Triunfal de Álvaro de Campos. A revista abalou decididamente o ambiente literário português, rompendo com as velhas tradições e marcando o advento do modernismo no nosso país, um dos primeiros da Euro-

pa. Fernando Pessoa torna-se quase célebre neste período, de tal forma que ficará o resto da vida conhecido como “Poeta do Orpheu”.

Ainda chegou a sair um segundo número da revista em Junho do mesmo ano, não tendo já o terceiro, por falta de financiamento para a continuidade do projecto. No fim do primeiro decénio do século XX, do modernismo português e do grupo de jovens futuristas, resta a voz solitária de Fernando Pessoa. O suicídio de Sá-Carneiro, a morte de Santa Rita, e de Amadeo, o exílio de Cristiano Cruz e de Almada, e a desmotivação de outros perante a reacção conservadora ou o imobilismo e a indiferença nacional, põem fim a um projecto prometedo.”

Salva a devida equidistância temporal, que conjuga eras diferentes, contextos sociais diferentes, e recursos de edição e difusão diferentes, o que existe de comum entre a Orpheu dos Grandes Poetas do início século passado, e a Infernus de um Grande conjunto de Individualidades Criativas do início deste século? Ora se ainda não se aperceberam, o que eu duvido pelas mentes inteligentes por quem vos tomo, eu reforço: o ESPÍRITO Intemporal de Criação Artística, Auto - Conhecimento, Empreendedorismo, Contestação, Modernidade, Cumplicidade e Mutualismo dos seus feitores, passados que estão quase cem anos sobre a primeira edição da Orpheu.



Mas vamos falar do Presente, honrado sempre o que de melhor o Passado nos deixou...

Após ter lido um pouco de enxofre os números anteriores à minha descoberta da *Infernus*, porque tinha de recuperar o considerável atraso de leitura que tinha até então, cabe-me agora, que ainda estou no processo assimilador da sua existência, fazer a minha espécie de ode pessoal a esta revista, tão inspirado me sinto por ela, como me sinto pelas influências musicais e literárias que abordei nos meus dois primeiros artigos, por exemplo. Posso explicar isto por mero instinto de reacção, ou seja a *Infernus* age e eu reajo a ela, primeiro de forma passiva, processo por onde me poderia ficar, que não deixaria de lhe prestar a minha homenagem interior, dedicando-lhe a minha atenção e concentração no preciso momento em que a leio, assimilo e interpreto.

Mas como todos nós temos instintos reprodutores, (O homem nasceu para criar, não para trabalhar... Agostinho da Silva) que são imanentes à natureza humana, e se expressam das mais diversas formas metamórficas, seja por Acção ou Reacção orgânica, racional, filosófica, artística, espiritual... a partir do momento em que sofremos determinada influência interna ou externa origina-se em nós, agentes motores enquanto seres vivos, uma fertilidade que temos sempre de exteriorizar, sob pena de nos sentirmos mais devastados que florescidos, se bem que ambas as sensações não são rivais, mas antes complementares no nosso íntimo, como na própria natureza exterior, pela via da eterna dualidade simbiótica que contempla entre outros, luz/escuridão, privação/satisfação, dor/prazer etc... O caminho estará no equilíbrio da balança, no entre, matéria que já foi aqui abordada e dissecada, à qual pouco ou nada terei a acrescentar.

Dizer antes que, quando somos fecundados por determinada semente catalisadora, temos naturalmente o ensejo instintivo de dar à luz as nossas próprias percepções físicas, emotivas ou intelectuais. Eu quando oiço uma música que gosto, posso interiorizá-la, cantá-la, coreografá-la, dançá-la... Quando estou no acto sexual respondo de forma carnal e espiritual a estímulos físicos, artificiais, místicos, ambientais... E quando leio a *Infernus*, além do Prazer de ler, me identificar, e sobretudo Aprender, também me inspiro para Escrever... ou seja extraio dela, como de um livro ou de um álbum, Prazer lúdico, identificativo, instrutivo

e criativo... uma espécie de orgasmo mental neste bacanal de ideias, expressões, vivências, experiências e conceitos que é a *Infernus*, Climax artístico e filosófico! E agora vou fumar um cigarro... (risos)

Voltando à minha reflexão auto-induzida à actividade desta fanzine alternativa, cujo raio de acção reflecte e difunde o Satanismo nos mais variados quadrantes em que este actua... e, sendo ele mesmo, Satanismo, um ponto de partida para exponenciar o Homem enquanto Ser Vivo e Vital que é, seguindo a orientação natural do Indivíduo, importa-me destacar a Vivência e Vitalidade deste satélite de Satan, criado pela imaginação, dedicação e talento do seu núcleo duro de Individualidades, as quais empregam parte do seu tempo, concentração e inspiração à permanente realização, manutenção e renovação do ecossistema filosófico e artístico que nos brinda sempre com lufadas de ar fresco e mutacional no sentido ascendente do seu aperfeiçoamento editorial...

Paixão, no fundo Paixão será a seiva primordial que irriga esta criação já enraizada no universo desbravado pelos seus fieis podadores, os quais, de solstício em equinócio, vão regando com mais um pouco do seu sangue este jardim semântico, de portadas abertas para o mundo, onde todos encontramos um pouco do nosso caule interior através do olhar perceptivo, e onde

*“...Satanismo, um ponto de partida para exponenciar o Homem enquanto Ser Vivo e Vital que é, seguindo a orientação natural do Indivíduo...”*

podemos ter também o nosso próprio canteiro se lançarmos a nossa semente para além do horizonte da íris...

Pode ser graxa sim senhor, que a puxar o brilho a alguém faço-o a quem desbrava caminhos por entre o negrume individual e social! Pode ser marketing sim senhor, que a publicitar alguém faço-o a quem dá passos em frente nesse sentido empírico! Mas antes disso ainda, é da minha parte a consciencialização do serviço prestado por uma Publicação Culta, Séria e Ousada nas temáticas abordadas e na Arte que cria e divulga nas suas páginas incandescentes...

Ao seu corpo editorial e colabora-







*“...fez parte do meu  
Processo evolutivo,  
construtivo, educa-  
tivo, criativo e recre-  
ativo, numa época de  
transformação inte-  
rior, de colheita in-  
telectual e sensitiva,  
que muitos frutos me  
deu...”*



dores, o meu Agradecimento e Reconhecimento em Vida pela energia, inspiração, e dedicação que transportam para a Infernus como seres pensantes e criadores que sois... Á incompreendida, malograda, e perseguida geração de Orpheu a lembrança Eterna do seu (embora curto) legado físico e espiritual no templo da minha contemplação... A ambos a minha vénia humanista, cultural e artística...

#### Parte 2 (2013)

Sentado defronte de uma folha virtual, com os dedos sobre o teclado a destilar a corrente do meu pensamento momentâneo... acompanhado pela banda sonora que mais se seduza no momento... ou simplesmente mergulhado no silêncio que se impõe às ténues vicissitudes urbanas, que amiúde suspiram da janela para dentro... Este sempre foi o tempo, o espaço e o ambiente mais propício à minha expressão literária, e a Infernus um dos destinos dessa mesma maré de inspiração, e por vezes desinspiração, porque alturas houve em que fiquei profundamente insatisfeito com o que escrevi para determinada edição.

Há sempre aquela expressão mal utilizada, pouca fundamentação, uma metáfora fora de contexto, opinião mal sustentada, alguma precipitação, pouca assertividade, emoção a mais, lógica contraditória, etc... mas que raio, estarei eu a tentar justificar-me? De maneira nenhuma! Não me arrependo de nada porque faz tudo parte do processo construtivo, e quem não

encontra defeitos naquilo que faz, das duas, uma; ou tem medo de arriscar e experimentar para não se sujeitar ao falhanço e à crítica (de todas a pior é aquela que fazemos a nós mesmos!), ou então é um iluminado que se ofusca com a própria luz que emana do espelho, obscurecendo assim o verdadeiro conhecimento que advém do erro, da imperfeição, essas “coisas” que fazem de nós simplesmente humanos.

“Maturidade” é pois a palavra que melhor encontro para definir a minha experiência pessoal com a Infernus, dado que a mesma fez parte do meu Processo evolutivo, construtivo, educativo, criativo e recreativo, numa época de transformação interior, de colheita intelectual e sensitiva, que muitos frutos me deu, e me tornou a pessoa que sou hoje, com as qualidades e defeitos que se me possam aportar, mas essencialmente, mais conscienciosa de si própria e do mundo que a rodeia, porque o conhecimento é Poder, e não consigo quantificar o muito, mas mesmo muito que aprendi com a Infernus em relação a tantas matérias da vida! Não poderia por isso estar mais Grato pela sua existência, e mais Honrado ainda por ter feito parte da mesma!

Muito embora tenha apanhado o comboio já a meio, foi um Verdadeiro Prazer e um Privilégio Enorme ter contribuído, ainda que muita vez de forma desbocada ou com o coração ao pé da boca (subentenda-se o que se quiser...), para que a Infernus fosse uma realidade, que como todas as outras tem a sua época, cumpre o seu ciclo, tem a sua fase ascendente e descendente, e há de sempre ocupar o seu lugar de honra na memória daqueles que fizeram parte dela, mais directa ou

indirectamente; corpo editorial, colaboradores e leitores.

Numa época em que esconder, ou camuflar sentimentos como a nostalgia, melancolia, ou outra dessas lamechices se tornou numa grande virtude, seria para mim no mínimo ilógico (para não dizer estúpido!) evitar algum sentimentalismo associado à impressão de que estas serão as últimas palavras que escrevo para a Infernus! Se o fizesse quereria dizer que a mesma pouco ou nada significou para mim, o que é de todo irreal! É mais uma pele que eu dispo, mas cuja essência ficará entranhada na minha mente e na minha alma, enquanto as sentir e delas fizer usufruto no Processo permanentemente metamórfico da minha vivência...

Sei que hoje sou muito menos Naive do que quando embarquei nesta viagem pelo até então desconhecido mundo (ou deveria chamar-lhe sub-mundo?) Satanista, que afinal não é mais do que idealização que muitos fazem de um mundo melhor, ou simplesmente mais justo, livre da ignorância que nos torna reféns da mediocridade e infelicidade. A ingenuidade é o estado mais prematuro da nossa existência, e ao mesmo tempo o eterno caminho para a aprendizagem e sabedoria que nos pode tornar seres humanos mais realizados com a própria vida, por isso só tenho a agradecer a oportunidade de me ter cruzado com a Infernus, e com todas as pessoas que a tornaram possível, em especial o Lurker, um Grande Amigo e timoneiro desta viagem. Um grande Bem-Haja a todos pela companhia e um até breve, em outro ponto de encontro... •







# Do “eu” ao “nós”

*Vitor V.*





Desde minhas primeiras palavras tornadas públicas através da Infernus até o presente momento grandes mudanças ocorreram em minha forma de perceber o mundo e a sociedade humana e de tentar compreender seus mecanismos mais fundamentais. Se em alguma medida LaVey pode nos apresentar um certo esboço sobre nossa natureza mais primária, creio ser necessário, contudo, avançarmos em nossas reflexões...

Já que se trata de um momento especial, ainda que de despedida, permita-me o leitor que desta vez eu discorra um pouco sobre minha pessoa e caminhada, sempre inacabada, na qual, em um momento não muito recente, pude ter contato com as artes opositoras, com as pedras que se lançam nos caminhos da via da mão direita, com o semblante infernal e sedutor do arquétipo do contra.

Suas palavras de ordem, seus convites a um pensar mais ousado e questionador caíram como uma luva nas mãos de um jovem que, por circunstâncias da história de sua vida, pouco atraído se sentia por certos lugares comuns, formas de devoção que se convertiam em mecanismos de submissão, e, especialmente, por não se sentir acorrentado a amarras morais e crenças que pareciam ter pouco sentido.



As religiões cristãs, com suas mitologia e proposições de conduta exercem um duplo fascínio. Como dependem da dicotomia excludente entre bem e mal, ao mesmo tempo em que atraem aqueles que, por tradição cultural e familiar são levados a buscarem numa instância divina suprema a última ratio de suas vidas, estas religiões também fazem ecoar de igual modo em certas pessoas um certo chamado pelo obscuro, pelo proibido, pelo profano. Algo com um certo quê de temperamento adolescente na busca pela transgressão e pela subversão; completamente justificável, diga-se de passagem, biologicamente até.

Há algum tempo atrás as histórias da literatura fantástica com ares góticos certamente ofereceram a ambientação necessária para que a imaginação pudesse se perder cada vez mais por entre labirintos obscuros. Em tempos de internet, alguns cliques poderiam fazer o trabalho. E assim foi para que este jovem pudesse então conhecer aquele que iria operar uma grandiosa transformação de valores e crenças. Ele conhece LaVey. Ele lê a Bíblia Satânica. Ele passa a saber da existência da Church of Satan. A vida tornou-se lhe não mais negra, mas tão brilhante e lu-

minosa como o rastro no céu da queda do portador da Luz.

O Satanismo, enquanto religião organizada, instituída e com valores e propostas claramente expostos, propõe-se a preencher um vazio que nenhuma outra poderia preencher, ao menos considerando-se as mais conhecidas e que exercem uma influência incomensurável nas sociedades ocidentais. Ceder ao homem o status de divindade foi uma operação nunca dantes vista. Mais do que isso, tratava-se de uma bela inversão de tudo aquilo com o que estamos acostumados. No Satanismo o sagrado tornou-se profano e o profano tornou-se sagrado. O espírito dá lugar ao corpo e deus cede lugar ao homem e sua razão. Não se deve, naturalmente, creditar integralmente a LaVey o destronamento das divindades. Como já sabido, ainda que como clichê, foi Nietzsche quem o fez, “matando a deus”. Não sob a forma de proselitismo ateuista, como alguns parecem interpretar, mas sim dotada da grandeza de uma reflexão filosófica que pôde então enxergar que o homem distanciava-se cada vez mais dos mitos que em momentos passados servia-lhes de guia em seu devir histórico.

Como LaVey, também não era muito difícil perceber a diferença abissal entre o que o livro da lei propunha e aquilo que as pessoas de fato faziam. Havia algo de errado. Não parecia fazer sentido que à igreja durante as missas se pregassem determinadas formas de comportamento e fora delas se agisse como se estas fossem feitas justamente para não serem seguidas. O ataque à hipocrisia de boa parte daqueles que carregavam fervorosamente símbolos ao corpo e discursavam calorosamente sobre as bênçãos obtidas em suas vidas graças aos feitos miraculo-

  
***“Como LaVey, também não era muito difícil perceber a diferença abissal entre o que o livro da lei propunha e aquilo que as pessoas de fato faziam.”***  


sos de deus passou então a ser uma constante. Não necessariamente um ataque direto. Mas um confronto que muitas vezes ocorria tão somente no turbilhão individual de pensamentos. Afinal, a experiência nos mostra que debates mais afiados não nos parece levar a qualquer lugar: o crente torna-se mais crente e o não crente cada vez mais convicto.

Como para todo jovem, havia o sonho de mudar o mundo. Ou de gritar aos sete ventos suas novas descobertas. Neste ponto, não saberia precisar os motivos para uma certa inclinação pedagógica minha; o que me levaria posteriormente a optar pela atividade docente. O que me parecia claro era a vontade de levar conhecimento a outros que, como eu, buscassem no Satanismo algo mais, para além do que a realidade controversa de um certo cristianismo poderia levar.

O principal problema que via neste caminho alternativo oferecido por LaVey, Bíblia Satânica e outras coisas mais, era justamente seus atalhos e trilhas tortuosas. Para se chegar até o trono de ouro em que se sentava o indivíduo era preciso superar uma série de obstáculos: autoafirmação egolatra, egolatria vazia, excessos de simbolismo, enfim. O que representava para mim uma base sólida, dogmática e filosófica como meio de compreensão da natureza humana e como forma de proposição de conduta, não passava, para muitos, de alimento para uma inversão do cristianismo ou para uma promoção de si mesmo propiciada pelos conhecimentos do obscuro e do desconhecido. Algo como a sabedoria de um pergaminho secreto passado de geração a geração e que dava concedesse poderes a quem o lesse. Toda a desconstrução satanista de um mundo espiritual onde um incontável número de seres mágicos revezavam-se entre aparições e encarnações caía por terra. Goétia, o dito Satanismo Tradicional e todas as outras formais de crenças não materialistas eram as tais trilhas tortuosas. O Satanismo que eu via em LaVey não era esse. E estava muito além do próprio LaVey com suas teatralizações, prescritas inclusive na própria Bíblia. Um aparato psicológico, ao meu ver, sempre excessivo e descartável. Justificável à época e para os fins do próprio Satanismo, e que requer do leitor certa condescendência pelas palavras da Bíblia Satânica. Ora, se o cristianismo impusera às pessoas grilhões morais, estes não se desfariam com flores, mas com duros golpes. Eis o motivo para o Livro de Fogo, por exemplo. O projeto humanista que eu via não tinha malva-



deza. “Satanismo sem malvadeza”. Eis o objetivo do blog que criara para levar aos interessados aquilo que de melhor, a meu ver, Satan poderia oferecer. Com este espaço na internet, o meio mais democrático de acesso à informação, transpondo barreiras temporais e espaciais, eu poderia assim “direcionar”, se posso assim dizer, aqueles que buscavam por seus próprios deuses. Nunca se tratou de doutrinação, mas de mostrar aquilo que de fato o Satanismo era, e não aquilo que queriam que ele fosse. E isto tinha por objetivo tanto simpatizantes quanto aqueles que repudiassem suas ideias. O intuito era de informar a todos. Havia uma religião e ela precisava ser respeitada.

E toda esta história rendeu-me uma oportunidade única: eis o convite para uma contribuição para a *Infernus*. Uma honra, no mínimo. Já conhecia seu trabalho e invejava, no melhor sentido satanista para o termo, a maneira como um grupo de pessoas organizava-se e conseguir produzir um material de qualidade a ser consumido por aqueles que se interessavam. A despeito das tentativas fracassadas de reunir algum grupo de pessoas dispostas a fazer algo parecido, o *Recanto do Opositor* era o que eu poderia fazer de mais semelhante. Contribuindo com a revista, minha produção ganharia outros ares e outros níveis. E, mais do que isto, tratava-se também de uma questão com traços ufanistas, já que sou brasileiro. Não que isto tenha a priori algum tipo de implicação mais específica, mas era um diferencial, e, naturalmente, motivo de orgulho, já que eu não pertencia ao círculo satanista europeu, se assim posso dizer. Ao que me pareceu, gostaram de meus escritos e passei então a colaborar com certa regularidade para a revista, excetuando-se os casos em que minha rotina e outras tarefas acabavam por consumir o tempo necessário para dedicar-me à produção em torno do Satanismo. E cada vez mais a vida o foi fazendo. O blog foi aos poucos, depois de cerca de 2 anos, sendo deixado de lado e sobre os caminhos negros de LaVey restavam-me somente dedicação para a publicação portuguesa, com a qual tentei sempre manter meu compromisso.

Algo mudava. Se o Satanismo foi o grande tema de minha juventude, sobre o qual me debrucei tanto em termos de estudo quanto em termos de produção, o meio acadêmico passou a me mostrar que havia outras coisas no mundo tão interessantes quanto, e cujas investigações, desta vez, dotadas de um rigor científico, algo de novo; por mais crítico que o próprio Satanis-

mo se propusesse a ser. Como a humanidade em seu percursos, dos mitos religiosos de infância, na qual pude ainda contar com uma formação católica, passei à filosofia opositora para então chegar ao degrau da ciência. O que me levou hoje a entender algumas coisas que não conseguiria compreender quando mais novo, especialmente quanto ao Satanismo.

O aspecto político da religião sempre foi uma lacuna, uma incógnita. Não há na literatura satanista qualquer proposta mais específica quanto a um modelo de sociedade em que os valores da religião fossem aplicados de modo ideal. Ademais, qualquer posicionamento mais específico ocorreria no espaço do indivíduo e seria, por conta disto, assegurado pelos próprios princípios do Satanismo. Se não causa qualquer tipo de mal a outrem, incorrendo assim em injustiça, que assim seja! Mas, depois de certo tempo, e com a ajuda de uma perspectiva materialista histórica, contribuição científica marxista sobre a qual não muitos ouviram falar, pude identificar na própria formação da religião alguns aspectos de seu tempo e das ideologias nele correntes. Pude perceber que o endeusamento do homem era na verdade um endeusamento do indivíduo, especificamente o *self made man* americano. Tratava-se de um sujeito apolitizado e preocupado especificamente com aquilo que lhe proporcionaria prazer próprio. É o que, em princípio, basta para o Satanismo. Sua moral de perspectiva subjetivista chegava aos extremos do elitismo em separar grupos de fortes e fracos, e, pecando por um individualismo idealista metodológico, situava no próprio indivíduo as razões para seu fracasso ou sucesso, ignorando as condições econômicas, políticas, históricas e sociais mais am-

*“Tratava-se de um sujeito apolitizado e preocupado especificamente com aquilo que lhe proporcionaria prazer próprio. É o que, em princípio, basta para o Satanismo.”*

plas que o faziam ser de um modo e não de outro. Aqui no Brasil, onde a desigualdade social atinge níveis ainda mais alarmantes, isto ficava ainda mais claro. E cada vez o Satanismo parecia pouco me ajudar em minhas reflexões sobre a sociedade, sobre os discursos que a permeiam, sobre as ideologias que a constituem. Seu silêncio político, e não me refiro a questões partidárias, passaram a ser entendidos como uma condescendência com o status quo opressor de um mundo capitalista que depende, em seu cerne, da exploração do homem pelo homem. Teria eu deixado então de lado tudo o que o príncipe das trevas tinha me proporcionado? De modo algum...

Se por um lado passei a ver no Satanismo certos ecos de uma ideologia burguesa americana, mesmo que deixando de lado seu pilar de cristandade, sobre o que, aliás, nos falara Weber, voltei a enxergar aquele mesmo humanismo de tão considerável valor de minha juventude, uma resposta aos chamados mais naturais do ser humano diante de uma sociedade que os aprisionava e rotulava-os como pecado. Não seria a utopia satanista uma sociedade onde todos fossem livres e iguais para gozarem de suas existências sem qualquer forma de repressão ou controle? Não seria a responsabilidade individual, tal qual proposta pelo Satanismo uma forma de reafirmar uma mesma responsabilidade social? O grito de rebeldia diante das divindades espirituais também não seria um convite a um mesmo grito quanto aos atentados à humanidade que verificamos em nossa contemporaneidade?

Hoje vejo o Satanismo como sendo mais uma das produções culturais que podem ser entendidas através de um estudo materialista histórico. Sua relevância, contudo, e mesmo para fins políticos maiores, ou, diria, em termos de um projeto humanista mais abrangente, não pode ser negligenciada. Certamente, há de se realizar um árduo esforço de “filtragem” para se extrair das palavras de LaVey imperativos que concedam ao humano o seu devido caráter de ente sagrado. Pois não é difícil fazê-lo quando se encontra em condições econômicas que o permitam plenamente. Viagens pelo mundo, consumo desenfreado, sem qualquer restrição quanto a deslocamentos ou problemas financeiros, enfim. Mas e quanto aqueles que não o podem? São menos deuses que nós? Devemos deixá-los sucumbir à dominação por parte de seus semelhantes? Ora, que direito têm de fazê-lo? •



The background of the entire image is a close-up of red theater curtains, with deep red and black folds creating a dramatic, textured pattern.

# O fechar da cortina

*Lurker*



## *Lembro-me perfeitamente de como tudo começou.*

Depois de alguns meses com a ideia na cabeça, e de algumas reuniões da Administração da APS a discutir como a poderíamos implementar, a Infernus ainda não tinha saído do projecto para o papel. Faltava o relâmpago que, como no mito, desse vida ao monstro. E, como em muitas outras coisas, a necessidade anda de mãos dadas com a invenção e com a concretização.

Foi num fim de semana que tudo aconteceu. Estávamos a aproximar-nos de uma data que, para além de improvável de se repetir no nosso tempo de vida (dependendo naturalmente dos avanços e recuos da Ciência para confirmar ou desmentir essa diminuta probabilidade), tem um significado alegórico que é no mínimo divertido. Falo naturalmente do dia 6 de Junho de 2006, ou como é mais conhecido, 06/06/06.

Naturalmente que a fama do “número da besta” é imediatamente o que nos assalta o espírito, e todas as suas conotações com um diabo que tem tudo de cristão e nada de Satânico. No entanto, é inegável o poder de um símbolo, como qualquer Satanista percebe e respeita. E este poder, mesmo que “emprestado” e não “conquistado”, seria nosso para o aproveitarmos!

Foi precisamente na noite de 3 de Junho para 4 de Junho de 2006 que a primeira edição da revista Infernus começou a ganhar forma. Nascida de um impulso tremendo de criação, da necessidade de transformar uma ideia ambiciosa, um projecto ímpar, numa realidade inquestionável. Cozinhada na chama negra, ardendo a alturas impossíveis de serem domadas por comuns mortais, a Infernus finalmente tinha o seu relâmpago criador. A sua centelha de vida manifestou-se, o ritual foi cumprido com sucesso, e o resultado foi o primeiro passo de um longo caminho que agora acaba.

Mas antes de irmos ao final, continuemos no início. A Infernus foi criada com um propósito simples: tornar-se a publicação de referência do Satanismo escrito em Português. Todo o poder da verdadeira magia se repercute na simplicidade da origem da sua força. Quanto maior é o enfoque, maior é o poder. E nada pode ser mais focado do que a verdadeira simplicidade. Temos

amplios exemplos ao longo da História e em múltiplos contextos culturais, geográficos e políticos. Quanto mais simples, melhor. E é verdadeiramente complexo atingir a pureza da simplicidade. Aqui reside um dos segredos da magia, para quem ainda não o compreendeu.

Usando outro aforismo por demais conhecido, toda a viagem se inicia com um simples primeiro passo. Não posso deixar em claro a explícita referência à simplicidade uma vez mais, tornando evidente o poder que aqui se encerra e reforçando o conceito apresentado anteriormente. E simples é também a primeira edição da Infernus. Não simples no sentido mágico e poderoso que apresento, simples no sentido simplista do termo.

É uma edição curta, com arestas rudes e agrestes, forjada na chama mas sem o requinte da perfeição que se atinge com a experiência da arte. Nascida mais da emoção do que da lógica, mais parida do que criada. Mas como tudo o que é resultado de um processo de tão grande intensidade, mantém uma ingenuidade e uma pureza que não se desgasta com o tempo. Como um diamante em bruto, pode não ser ainda o resultado esplendoroso da mão treinada do artesão, mas mantém todo o seu potencial inalterado. É possível de ver o que pode ser, mesmo que seja apenas uma singela revista com meia dúzia de páginas. Mas o processo tinha sido iniciado, e nada o poderia parar.

Cedo se tornou também claro que a ambição da Infernus, o propósito de ser a referência inquestionável na sua área, não era compatível com um projecto a solo. Tornava-se necessário reunir uma equipa em seu redor, que partilhasse o processo criativo e oleasse as rodas da máquina para que ela funcionasse no seu pleno potencial. E encontrar pares, como qualquer Satanista sabe, não é propriamente um processo fácil. Felizmente tinha a APS como base de suporte a esse trabalho.

Foi na hierarquia da APS que a equipa base do projecto foi criada. Como seria mais ou menos natural, ou não fosse a Associação também ela a referência do Satanismo em Portugal e em Português, para além das nossas fronteiras físicas. Essa equipa começou o seu trabalho imbuída da mesma ambição e espírito de conquista, paulatinamente passo após passo deixando um percurso atrás de si que seria trilhado depois por muitos outros.

Como em qualquer outra área da nossa vida, também na equipa editorial da Infernus houve mudança. En-

tradas, saídas, ausências temporárias e definitivas, reforços e continuidade. Sempre com o mesmo objectivo: criar algo maior e melhor do que já era, não descansando à sombra dos louros conquistados, mas sempre desbravando novo caminho na direcção que pretendíamos que a Infernus tomasse.

Mas foi também, naturalmente, um projecto com muito de cunho pessoal. Desde essa primeira edição, até esta última, o envolvimento pessoal foi sempre uma forma declarada de tributo a um projecto que era maior do que qualquer indivíduo. Mas como em qualquer simbiose, a estrada é de sentido duplo. Creio que parte de mim transpirou para a Infernus, e viverá nas suas páginas enquanto eu próprio existir. E continuará enquanto houver quem se interesse pelo material que está encerrado nas suas centenas de páginas.

Não se pode estar envolvido num projecto como este durante tanto tempo sem sentir um tremendo Orgulho no que se conseguiu atingir. A Infernus foi publicada ininterruptamente durante mais de sete anos. Foram quatro edições por ano, a cada Equinócio e Solstício, desde esse dia 6 de Junho de 2006 até ao dia 31 de Outubro de 2013, data de lançamento da trigésima e última edição da Infernus. As quais se juntam uma série de Antologias, que reúnem as quatro edições do ano num formato físico de qualidade luxuosa, unicamente para colecionadores.

Passaram pelas páginas da Infernus centenas de artigos de muitas dezenas de colaboradores, residentes e convidados, nacionais e estrangeiros. Desde as participações mais singelas, que apenas aconteceram num episódio sem repetição, até às maiores figuras

*“Cedo se tornou também claro que a ambição da Infernus, o propósito de ser a referência inquestionável na sua área, não era compatível com um projecto a solo.”*





*“Não apenas por todo o conteúdo literário que consta das suas páginas, mas também pelo cuidado gráfico que sempre foi apanágio colocar na revista. Sempre considerei que imagem e texto são duas facetas da mesma moeda de conteúdo que compõe as contribuições para a revista.”*

do Satanismo no mundo que figuraram nas várias edições da revista, passando pela coluna vertebral de colaboradores residentes e a referida equipa editorial, a sabedoria expressa nessas contribuições seria suficiente para encher muitos compêndios nas melhores bibliotecas infernais. Se ainda não o fizeram, podem sempre recuperar edições passadas e percorrer os olhos (e a mente) por tudo o que lá se encerra. Fica para a posteridade, como o nosso legado.

A Infernus foi muitas vezes reconhecida como a melhor revista de Satanismo em existência. Não por mim, naturalmente, mas por muitos que regularmente a consultam, e em posições cuja opinião tem peso no contexto do Satanismo. Indivíduos que têm a sua própria história e legado, que lideram instituições de renome, que pertencem à elite do Satanismo mundial. Acima de tudo, que têm acesso a muitas outras publicações dentro desta temática, mas que se habituaram em cada Equinócio e Solstício a preferirem a Infernus entre todas as outras. Naturalmente que estas mensagens reforçam o sentimento de alinhamento com o objetivo primordial que sempre esteve presente.

Não apenas por todo o conteúdo literário que consta das suas páginas, mas também pelo cuidado gráfico que sempre foi apanágio colocar na revista. Sempre considerei que imagem e texto são duas facetas da mesma moeda de conteúdo que compõe as contribuições para a revista. Fizemos especiais só com imagem, destacamos criações digitais como obras de arte em seu pleno direito, e acima de tudo tentamos que houvesse uma coerência visual que cumprisse com as premissas do equilíbrio e da estética que tão enraizadas estão no Satanismo.

Lembro-me perfeitamente de definir edições inteiras com base numa imagem. Como a da edição número nove, cuja imagem que adorna a sua capa demonstra um tamanho poder que desde a edição anterior que tinha sido escolhida como figura de proa para uma edição centrada no erotismo e na sexualidade. Ou como a da edição número sete, cuja capa é uma fotografia de um quadro criado por uma cara amiga propositadamente para figurar nessa capa. Um quadro que exhibo com orgulho na minha câmara ritual.

Muitas histórias semelhantes há em redor de múltiplas edições da revista. São elas que lhes dão vida, que





constituem a sua alma, e que ficam para a posteridade. Umas engraçadas, outras quase dramáticas, mas sempre lembradas com um sorriso cúmplice de quem as partilhou. São momentos como esses que fazem com que todo o esforço, sacrifício e investimento tenham feito sentido. É um sentimento quase egoísta, mas não seremos nós todos movidos por objectivos próprios que nos motivam? Esse é um aspecto que também eu partilho com muitos outros.

Depois de um início quase visceral, e dos primeiros passos titubeantes à procura do seu equilíbrio, a Infernus ganhou a maturidade suficiente para criar o seu próprio caminho. A sobriedade e solidez dos últimos anos repercutiu-se de forma natural nos números que neles foram publicados. Uma revista adulta, perfeitamente conhecedora do terreno em que se move, altiva na medida em que se torna o macho dominante desta alcateia. Vencendo os seus desafios, ultrapassando as suas fraquezas, deixa um legado feito com trabalho. E esse é impossível de ser apagado.

Como também é natural, não foi um percurso feito sem inimigos e aves de mau agouro. Felizmente, tenho quem acrescentar. Quando não temos quem anseia pelo nosso fracasso, não estamos a trabalhar bem. Sabendo da mediocridade que é o padrão médio do mundo que nos rodeia, e de quão mal os médiocres convivem com quem tem sucesso e evidencia claramente a dimensão do seu fracasso enquanto indivíduos, não ter inimigos é virtual sinónimo de não ter sucesso. Podemos então dizer, com prazer, que os temos em quantidade abundante. Para todos esses nada mais dedicamos do que a nossa indiferença.

Porque a nossa atenção está sempre centrada em duas dimensões: naqueles com quem partilhamos o caminho que decidimos percorrer, e no objectivo que delineamos como meta desse caminho. E se dos primeiros já tive oportunidade de falar, é sobre o segundo que reside a decisão de terminar a Infernus.

Acaba por ser uma decisão natural. Não confundir com fácil. Mas como no percurso natural da vida, também a Infernus nasceu, cresceu, atingiu a maturidade, e deparou-se com uma questão fundamental que todos temos que nos deparar: declínio ou morte. Se a segunda é inevitável, a primeira é uma opção. Por muito que custe admitir essa escolha.

E para um Satanista torna-se claro que essa opção só pode ter uma esco-

lha possível. Não convivendo bem com a mediocridade, com o compromisso, com os meios termos, não se tornaria possível conviver também com o declínio. Não que ele estivesse ao virar da esquina, mas é decorrente de todos os objectivos que tinham sido traçados terem sido já atingidos. Se percorremos o percurso até ao fim, qual é o propósito de continuar a caminhar?



A Infernus tornou-se claramente a referência do Satanismo em Português, dentro das nossas fronteiras e fora delas. É reconhecida internacionalmente como uma revista de qualidade superior, com conteúdo abundante e primoroso, desafiando normas e estilos estabelecidos, quebrando barreiras e tornando-a até incómoda para muitas pessoas. Melhor elogio não nos podiam fazer.

Editámos regularmente uma revista ímpar durante muitos anos, perfazendo trinta edições. Lançámos Antologias, que são acolhidas como a obra de arte que de facto representam. Apresentámo-las em recintos tão conhecidos como o Coliseu de Lisboa, e em recantos tão acolhedores como os nossos lares. Demonstrámos número após número a maturidade da revista, focando assuntos e temas que raramente (para não dizer nunca) tinham sido analisados pelo prisma do Satanismo. Deixamos uma marca que vai perdurar.

Não tínhamos propriamente falta de desafios para o futuro, mas como foi já discutido, a Infernus é acima de tudo um projecto de indivíduos. E quando esses indivíduos, profícuos, criadores e empreendedores por natureza (talvez boas representações do espírito Satânico), necessitam de tempo e esforço adicional para investir noutros projectos, ele tem que vir de algum lado. Infelizmente não cresce nas árvores, nem esticam as horas do dia. Sendo a Infernus um projecto maduro e completo, começou a tornar-se claro que o seu período de vida tinha porventura chegado ao fim.

Mas também aqui achámos que teríamos que ser diferentes. Sair pela porta pequena nunca fez muito o meu estilo. E portanto a Infernus não poderia acabar de outra forma que não fosse com um evento especial. Por isso achamos que convidar todos os que passaram pelas páginas das anteriores vinte e nove edições seria um tributo digno de uma celebração em memória futura da Infernus. Infelizmente nem todos puderam aceitar o convite, mas fica para a posteridade uma última edição que é, acima de tudo, uma festa.

Do meu lado pouco mais há a di-

  
***“É reconhecida internacionalmente como uma revista de qualidade superior, com conteúdo abundante e primoroso, desafiando normas e estilos estabelecidos, quebrando barreiras e tornando-a até incómoda para muitas pessoas. Melhor elogio não nos podiam fazer.”***  


zer. Fecho a cortina da Infernus com o sentimento de ter não só cumprido todos os objectivos a que me propus quando a comecei, como os ter largamente superado. Foi um percurso longo, difícil, não isento de espinhos, mas tremendamente recompensador. Conheci muitos indivíduos interessantes, travei amizades com pares que me hão-de acompanhar daqui para a frente, deixo ficar obra feita para quem venha depois. O Satanismo em Portugal não acaba, bem pelo contrário. Continua mais forte do que nunca. E a Infernus será, sempre, uma parte integrante da sua história.

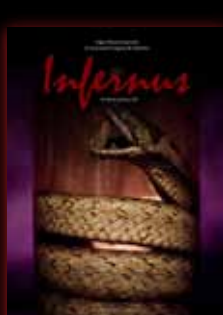
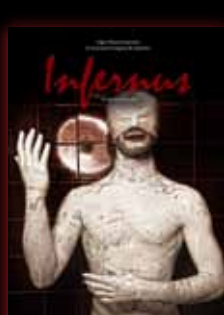
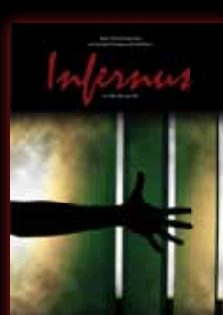
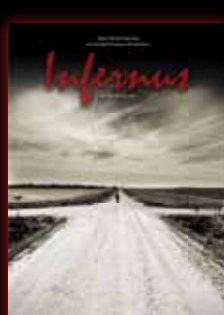
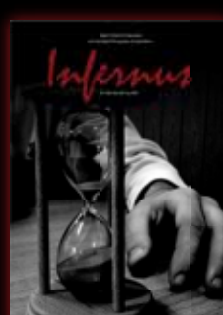
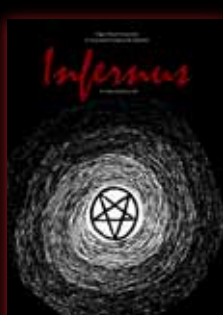
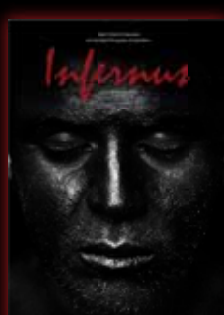
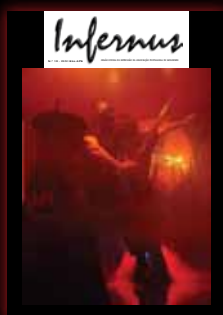
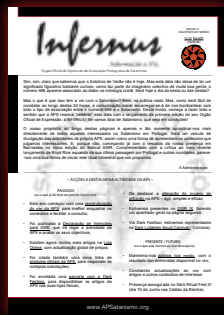
Um último olhar para o teatro deserto. Muitas e belas peças se desenrolaram neste palco. É altura de o ceder a outros projectos. Não é adeus, mas até à próxima. Porque os projectos futuros já estão na forja.

SHEMHAMFORASH! •

**Aqui acaba a**

***Infernus***





O fechar do círculo

